Livro de Horas

DO MESMO AUTOR:

COIMBRA DOUTORA (1910).

BOA GENTE.

A EXPRESSÃO NO TEATRO (ediç. part.).

A seguir:

AREIAS DE PORTUGAL.

Hippolyto Raposo

Livro de Horas

(1908-1911)

COIMBRA

F. FRANÇA AMADO, EDITOR

1913

AOS MEUS AMIGOS

que ainda guardem no cora-
ção, alguma lembrança de estas
horas *mortas.*

Consyrando os antigos que o nome de cada hua cousa he o primeiro conhecimento que sse della pode auer; eper elle deuem seer as propriedades do seu significado mostradas: Trabalharom-sse de poher nomes aas cousas per que ellas em algua guisa fossem declaradas:

TRAUCTADO DA UIRTUOSA BENFEYTURIA.

PROLOGO

AO LEITOR CURIOSO

Costume é dos mais antigos confessarem os Autores em os prologos de seus livros as causas e razões dos mesmos, para que a vaidade se não atribua o que é de sãos propositos e a Critica dos entendidos mais propenda á benevolencia do que ao rigor.

Assim usam e cuidam aqueles todos que se propõem tratar com escrupulo as mais graves materias, tanto da sciencia divina, como da humana, ainda que para versa-las lhes não faleça o engenho e o conhecimento adequado, em longo estudo e meditação adquirido.

Não só a Antiguidade (em cujo exemplo sempre temos que aprender) nos mostra com o costume do Prologo a sua utilidade, mas todos os classicos o aproveitam para nele expôrem muitas verdades que convêm á melhor inteligencia do texto e como boa entrada para ele.

E assim como o portico é a entrada dos edificios e pela sua forma e fábrica logo o restante da habitação se patenteia, tambem com os dizeres do Prologo o sentido e fim da Obra se esclarecem.

Por isso me pareceu tambem a mim de boa pratica dizer-te por que compús o volume que ora te ofereço.

Em primeiro logar, para que a ociosidade que a Sagrada Letra chama a mãe de todos os vicios, me não entorpecesse

a faculdade de escrever e nesta ocupação o entendimento mais se ilustrasse.

Depois, ainda moveu meu animo o dever de expôr certas verdades que a experiencia dos homens, a lição dos doutos e o bom conselho dos prudentes, me levaram a conhecer.

E só o bem alheio, que não o interesse proprio em todo o livro curei de servir, para a Deus merecer a recompensa que por sua bondade houver de dar-me.

Se não segui o exemplo de tantos Varões inclitos da Gentilidade que ás chamas deram o fruto de aturadas vigilias, foi para não tentar a Nosso Senhor que sempre houve por bem guiar-me com as necessarias luzes, dando-me fortaleza e animo para êste trabalho levar a cabo.

Depois de toda a verdade com tanta franqueza declarada, se alguns ainda o forem ler com animo vil, pedirei ao douto Tomé Pinheiro da Veiga que me deixe dizer com ele: « Não me deveis nada, por nada vos demando, nem por amor de vós busquei estes passatempos, nem por amor de mim quero que vos metais nesses cuidados; por meu gosto o vi, por meu desenfadamento o escrevi; nem desculpeis minhas faltas, nem encareçais meu trabalho; se algum me custara, não somos tão amigos que, por vos fazer mostrar as gengivas, houvera de queimar as pestanas ».

Vale.

IV Non. Jul., na Festa de Santa Isabel Rainha de Portugal, A. D. MCMXII.

OUTONO

. . . e n'esta terceira parte do anno
predomina a melancolia.

Do *Lunario Perpetuo*.

Outubro, morno, languidamente brando, foi descendo em rumores, a Terra triste embalando em sopros de sono.

Andam as asas do vento aspergindo a lividez das folhas, a salmodia da Tristeza vai nos ramos suspirando, ouvem-se arvores a tossir...

Na catedral do Silencio ha de o grande Cadaver adormecer; teceu-lhe a mortalha o Outono em suas folhas de oiro.

Miserere...

Sons agonizam fio a fio, entre fumos de incenso, voluteando, do ceu veem caindo lagrimas de côr pelas flores que morreram.

Afogado, todo inquieto em suspiros violaceos, vai o Sol de abalada para o desterro azul, secam gotas de luz no caminho e sob o

esqueleto de arvores em suplica, coalham frias sombras.

Lembranças que já vagueiam nas lonjuras, adormentam-se fluidamente por sôbre a anemia de estes arvoredos, outrora ondulando em rezas de novena, quando um espirito de vida com gloria as folhas erguia para o ceu.

A Alma da cidade, a difundir-se na doçura das tardes, renovando-se cada ano e sempre permanecendo a mesma por graça dos deuses, não resuscita mais.

Aquele renascente prodigio, na primavera eterna de esplendores, já não pode ocultar á nossa ternura uma visão moribunda, abrigando-se num regaço de sombras em preiamar.

Tudo em volta pulsava então ao mesmo ritmo, arvores e colinas, mosteiros, pomares, quando o vento rimava vôos de melodia, como estrofes liricas de amor.

Em espasmos de luz, gotejavam sons de aves em festa, amolentando a sonolencia de aquelas tardes, incendidas de desejos búdicos, folhas reluzindo como esmeraldas na curva veludosa dos horizontes que guardaram o antigo segredo da translucidez helenica.

Á transfiguração assistiamos todos religiosamente: eram largos esplendores, rutilando em clarões, desmaios sideraes de branda espiritualidade, e como as seivas se abrem e perfumam em flores, o mesmo halito toldava o instinto, tentando á gloria da Morte.

Como um torpor brando, subia em caricia, embriagadoramente, a bendita alegria do não-ser e já não eramos nós-mesmos a pensar e a recordar, tão confundidos áquele jubilo de Luz, palpitando em triunfo, a continuar-se em harmonia a toda a volta, alargando a felicidade do esquecimento.

Na mesma teia de silencio, o proprio Tempo abria os braços a descançar, olhando a Vida parada e no Espaço vendo brancas teorias de fantasmas, a subir e a descer as espiraes da Lenda, insensiveis ao acaso das horas, numa exaltação eterna.

Rainhas e freiras, milagres, virtudes, cavaleiros que passaram devastando, tisicos amores sem fim — na Morte tudo vivia, resurgindo-

nos em sombras goticas, sublimados na gloria celeste dos que adormecem no Senhor.

Bendito o Silencio, para sempre seja bendito — quando os ouvidos da Alma lhe podem escutar os presagios!

E as noites vinham — purissimas luas, escorrendo claridade ou veludo de trevas amolecendo suspiros de sons, voz de sinos em torres de misterio, erguida ansiosamente a Deus, cada hora mais subido no crepusculo da sua gloria.

Neste prazer de recordar, esvaiem-se fogos-fátuos de ilusão, o claustro é imenso, escutemos-lhe a paz!

A alma da cidade vai morrer.

Miserere...

I

O Mosteiro de Lorvão

As monjas para quem Alexandre Herculano pediu esmola, já não existem.

Infinita crueldade seria que a morte as não tivesse poupado ao destino de ver as celas da penitencia convertidas em lares onde duas duzias de familias fôram procurar uma ilusão de abrigo.

Agora, aqueles que no amor ou curiosidade das coisas mortas, se aventuram a transpôr os montes que muralham o vale até ao ceu, sombriamente, impressiona-os de surpresa a majestade do edificio que o roçar dos séculos tornou venerando.

A cúpula rebrilhante ergue-se no ar sereno, e quando o sol volta, deixa projectar na

encosta, a sombra alongada por sôbre a ramaria verde-negra dos pinheiraes.

E toda a face do mosteiro tem no aspecto contrafeito uma opulencia decaída, aquela melancólica saudade dos solares de provincia, abandonados para sempre á vida simples dos abegões.

No pateo relvoso em que virgens em flôr apeando das liteiras no braço dos paes, voltavam os olhos chorosos para dizer adeus ao mundo, vendo apenas ao alto um recorte de ceu azul — nesse pateo, dançam agora as moças aos domingos danças profanas que ultrajam a santidade do logar e escandalizariam as freiras como um pecado vivo!

Lá dentro, guarda o orgão um silencio doloroso: das harmonias que derramavam clarões de divindade na alma das noviças, só as paredes e os altares vibram, como outróra na solenidade funebre das profissões.

Virgens imateriaes quasi, erguem na sombra os vultos brancos, entre cirios que rodeiam o sacrificio da carne esteril, a chorar pela Vida para gloria de Deus. Toda a visão se ilumina,

revive o velho Cenobio a sua grandeza, cheira a incenso, vozes esvoaçam aflitivamente pelas naves, como suspiros de saudades do ceu...

Em tumulos de prata, dormem ha seculos duas filhas de Sancho I e pasma a gente de ver que lhes tenham respeitado a paz, ao lado de oleografias e alfaias milagrosamente salvas á mesma cubiça sacrilega que desnudou a igreja e o convento.

Olhando ao fundo — o côro, sumptuoso lavor, luz fria entristecendo a face das coisas, e como uma suplica sem esperança, alevanta-se o vulto anguloso da estante do oficio, suportando ainda o velho antifonario coberto de poeira sagrada.

Mal resistindo á deterioração de toda a hora, o cadeirado glorioso alonga a todo o comprimento a graça das decorações, todas animadas da celeste espiritualidade que resplandece em cada figura tutelar.

Pelas altas arcarias, emparedadas aqui e além de fragmentos de capiteis e colunas — vai-se escoando o fumo dos lares que tendo bafejado torpemente os azulejos dos corredores, anda a

denegrir os ornatos do côro, da mais preciosa talha de êste país, porque o Governo para cobrir o *deficit* e matar a dívida, arrendou a míseros paliteiros, por uma centena de mil réis, as celas das freiras de Lorvão!

Se cada convento em Portugal é uma pagina de vergonha para a historia contemporanea, creio que em nenhum haverá tão numerosos exemplos de ladroagem e desleixo como neste que tendo sido poupado pelo vandalismo francês, é destruido e roubado em proveito dos liberaes do presente e em nome do interesse publico.

Aqui, no alto da cúpula, a vista sobe a encosta, pela extensão da verdura até ao ceu, torna a descer o declive e pára no fundo do vale, nas trepadeiras e heras da cêrca, enlaçando ruinas musgosas, entre silvas e alecrim, a romper vigorosamente dos entulhos onde erram perfumes de cravos do outono e scintilações de azulejos migados ao sol.

Dos tres claustros, ainda de pé alguns arcos, alternando com fustes brancos de colunas mutiladas e inertes.

Debaixo das arcarias abatidas movem-se crianças famintas, olhos vermelhos do fumo, fugindo das celas para a agonia dos corredores onde o ar é opaco e a friagem passa rudemente, ululando rumores de morte, sem a resistencia das portas já moídas do temporal.

Mulheres de andrajos cruzam-se na faina, outras espreitam dos buracos e encontram ainda um sorriso de motejo pelos que lhes devassam o martírio — que nem o sacrificio da Arte lhes abranda a existencia, ao menos!

Nas ruas, mocinhas de rosto seráfico e olhar timido, paradas de curiosidade, duvidam que alguem possa ter interesse em peregrinar áquela ruinaria com que entestam a toda a hora, desde que nasceram.

E assim, entre o desdem de um povo que desejaria aniquilar um monumento que lhes humilha a pobreza dos casebres e o fisco faminto, amolecendo mais a indiferença de um Conselho de Monumentos Nacionaes — é que se extinguirá até aos alicerces, o que ainda resta do mais histórico mosteiro de Portugal.

Velhas Cronicas falam gravemente de estes frades da *cogula negra,* cultivadores de terras bravias nos primeiros seculos, em doações alargadas mais tarde e mantidas pelos proprios moiros já dominando em Coimbra, até que em tempo de cristãos eles cederam casa e senhorio á virtude das netas do primeiro Rei de Portugal.

Toda a tragedia das Rainhas Teresa e Sancha, com a dedicação de nobres damas que nos votos acompanharam o infortunio daquela — eu a revivo entre matagais agrestes lá no fundo da idade-media portuguesa, o irmão feroz usurpando-lhes os castelos e a triste Infanta Beringela, desherdada, na Dinamarca cinzenta, chorando com saudades do sol e da terra que perdera...

Casa de penitencia agora, viveiro de bastardos quatro seculos depois, no governo de Filipa d'Eça, quando as monjas ricas e protegidas, resistiam com tantos abusos pelo prestigio da sua beleza, ao intuito reformador de D. João III.

Sob estes claustros se exaltou o misticismo de Joana de Albuquerque, discipula de Santa

Teresa, que na alucinação histerica de cada hora, tinha *coloquios de amor* com Jesus, de novo ressuscitado para a sua paixão ardente, com beijos, ciumes e amúos, como no mais trivial namoro português, segundo a sua propria narrativa.

O Mosteiro de Lorvão,

. . . antre serras
onde o sol não era visto —

a saudade de Chrisfal o rememora a todo o coração enamorado; as lembranças tristes das freiras que resolviam morrer á fome para não quebrarem a clausura, a mendigar nos caminhos — hão de sepultar-se nas ultimas ruinas que impressionando-nos com respeito, ainda mais nos indignam pelo testemunho de uma execranda malvadez.

II

Um morto

O Sousa e Melo não apareceu êste ano pelos Geraes.

Colhido pela doença aos vinte anos, lá se ficou a dormir no cemitério da sua terra, e todos os que sentiram a mágua enorme de tal perda, jámais o verão encher com a sua presença todos os lugares de Coímbra, porque o Sousa e Melo era imenso.

Tanto se podia topar no Zé Maria, carambolando com discursos, como no Julião *das iscas,* alta noite, numa igreja assistindo aos mistérios ou em qualquer taberna escura, rodeado de carrejões, que por toda a parte onde houvesse vida, ele queria empregar e consumir a sua.

Toda a gente o conhecia, inevitavelmente, todos lhe queriam bem, pois que dentro do

seu feitio de boémio inofensivo, vivia um generoso e bom rapaz.

Abraçava com o mesmo amor todos os ideaes humanitários, e subindo pelas formas de Republica ao anarquismo — remota aspiração da sua alma — era sempre um prosélito tolerante, quando fazia proclamações doutrinárias, a propósito ou não.

Foi um tipo único de estudante político que surgiu em Coímbra por este tempo; nunca se pareceu em nada com os boémios de fama, revelara-se através da sua vida e no actual meio académico, uma creatura singular.

Teorias sociaes, ninguem conheceu e seguiu tantas como ele. Duravam-lhe sempre pouco, só enquanto o livro que lhas inspirara não passava, extremamente barateado, ás mãos de outro...

De ha muito tempo que ninguem em Coímbra se popularizara tanto, sem que no largo círculo de relações que possuia, fôsse possivel descobrir-lhe um inimigo. Isso nunca!

Ás vezes sentia necessidade de ter caprichos como os outros, e declarava dogmaticamente

nunca mais falar a êste ou áquele, até que a primeira ocasião lhe desmentia o propósito, esquecido já de que o tivesse formulado sequer!

Sempre a discutir tudo e com todos, sempre a minha saudade o recordará, sacudido em fortes gestos de intimativa, que lhe emprestavam um ar convicto e profundo de estudioso.

Para Coímbra viera ele, depois de correr todos os liceus do Norte, numa risonha peregrinação que ele denominou *viligiatura,* cuja cronologia mandara gravar, à maneira de lápide, em letras douradas num volume de capa vermelho-verde.

Nele reunira as *Bucólicas* que detestava, o *Guilherme Tell,* de Schiller, que não sabia traduzir e a *Historia da Civilização.*

Do liceu de S. Bento conheci eu esse bom condiscipulo, lá o aclamaram algumas centenas de mocinhos que a reforma de 95 teria vitimado para glória do legislador, se ele não tivesse conseguido a *bifurcação* que o levou aos Ministérios e ao Paço, a lembrar ao Principe a qualidade de camarada e o seu maior

interesse na questão, pelas responsabilidades de futuro Rei.

O Sousa e Melo triunfou e com ele nós todos, por sua causa certamente, ganhámos a batalha contra os poderes do Estado.

Em plena aprovação recebeu a recompensa de tanto exforço e concluiu entre palmas o seu curso na prova de filosofia, afirmando poderosamente que Platão era um mito á face da sciencia e que na Alemanha acabava de ser descoberta uma balança para pesar o medo!

Casos da sua vida aventurosa — não têm conto.

Quando a Tuna, já moribunda, se abalava por esses burgos de provincia, a sorver os últimos soluços românticos, à hora da partida aparecia ele tambem, com bilhete ou não, pois isso era uma formalidade facilmente perdoavel á rebeldia da propaganda que o levava...

As suas predilecções, todos o sabiam, fôram sempre para a Política, ninguem tinha direito de ignorar a sua missão redentora de tribuno.

Cinco ou seis faltas seguidas indicavam longa viagem e muita propaganda — um triunfo desta vez! — dizia ele, erguendo os braços.

Cada falta ás aulas, eram mais de mil cidadãos ganhos para a Republica.

Bastante desprezador de perigos, nunca o seu desdem pediu à Lei autorização para a esfarrapar na praça, nas oficinas, nas estradas, onde-quer-que pressentia éco para a sua voz.

Todos se lembram da glória de um comício, por ele improvisado na estação da Pampilhosa, ás duas da manhã, ante uma turba de camponeses e carregadores sonolentos, ouvindo àquele rapaz iluminado, sôbre uns cabazes de sardinha, palavras em brasa contra a ditadura, chamando o povo à soberania.

Nas aulas, nos cafés, em passeio, a *revolução social* estava sempre próxíma e tudo preparado, a liquidação era fatal...

Muitas noites caía em desalento, fazia-se notar com intenção, para quando algum de nós lhe estranhasse o ar pensabundo, ele responder com naturalidade superior, que ainda não jantara, àquela hora!

No ano passado levou vida mais regulada, ao principio, tinha casa e mesa certa, *a subsistencia garantida,* como ele me disse uma tarde

em que eu para remediar a sua tristeza, lhe oferecera de jantar na minha republica da rua do Borralho.

Passava longas horas sossegadas, pela livraria Cunha, ao Castelo, a ver se o burguês lhe notava a mudança e a nossa credulidade lhe aceitava os protestos de regeneração. Coitado!

Devo-lhe a honra e favor de variadissimas confidencias, como planos de livros incendiarios destinados a grande rumor, mudanças de morada (que todos sabiam em segredo) para evitar o barulho, inimigo do estudo.

Agora ia começar a sério, pois, apezar daquela *insuficiencia pedagogica,* era preciso ao menos conseguir salvar o ano! Fôra a ultima ilusão!

Mas o Sousa e Melo nunca estudou — declarava-o bastantes vezes para gloria dos liceus do Reino por onde errou dez anos, rindo de todos, em lições inventadas no momento que amolgavam a rigidez professoral à gargalhada dos cursos.

Em Coímbra já ninguem agora sabe *andar à lebre,* como em tempos que passaram. Essa

função de boémia que consistia em *viver de amigos,* aparecendo-lhes ás refeições, como por acaso, para não revelar a penuria, é desconhecida de estas republicas com telefone, gaz e guarda-portão agaloado.

Quando nós chegámos, tão esquecida já estava que ele, querendo à força utilizar-lhe a ressurreição, desnaturava-a completamente, ao dizer para qualquer: — Ó Fulano, amanhã janto em tua casa; ando à lebre...

Por último, a fase mais interessante foi nos tempos do franquismo em que aparecia ás segundas feiras na Universidade, quasi em delirio persecutório... Futrica que para êle olhasse devagar, era agente da polícia; viera-lhe seguindo os passos, devia estar a entrar, e pelas indicações do Sousa e Melo, iamos ve-lo prender ali mesmo, no páteo, com ofensa do fôro, e depois atravessaria os largos oceanos, a caminho de Timor e da morte...

Mas nada de terrores: ele sentia até orgulho, como os velhos herois, de ir para o exilio!

De capa a desprender-se-lhe do ombro esquerdo, calças no fio, botas cambadas, gre-

nha encrespada e luzidia, andar decisivo — ele não ressuscita mais para alívio da saudade de nós todos.

Ninguem lhe ultrajou a memória de livre-pensador com uma missa ás 11, na Real Capela, nem sôbre a sua cova a Democracia arengou discursos vasios ou lançou flôres, ele que merecia a consagração de um eterno *in-memoriam.*

...E tinha amigos numerosos, o pobre rapaz que lá se ficou para sempre no cemitério da sua terra...

III

Lenda de Santa Comba

Para longe, perdido já de vista o Rio e os montes de Santa Clara, quando as cupulas ardem em poentes bisantinos, nas perspectivas largas dos arredores, seduz-me invencivelmente a ressurreição das sombras em torrente, inundando vales, subindo ás nuvens, na doçura e silencio das tardes.

É sôbre um rochedo arestoso, entre olivaes e pinheiros que se pode assistir à morte do Sol, enquanto rumores incertos dissolvem a melancolia no ceu, arvores se afusam a distancia, outras, ao fundo, já a noite as vai engulindo lentamente.

Vagas estrelas arripiam-se a abrir as pétalas, rompendo o ceu côr de aço — tanta espiritua-

lidade se derrama nas coisas, tão nós-mesmos nos sentimos ali, que recuperamos a grandeza do Homem antigo, encarando face a face a omnipotencia dos Numes para lhes agradecer a Luz divina que fecunda e alimenta a Vida.

Na pureza do ar tepido, sobe o halito do Rio a envolver as coisas, mas ainda a Torre recorta em claridades moribundas a silhueta do seu prisma, como a suspender do fundo dos ceus a cidade penumbrada.

Em volta, toda a vida pára na meditação da noite, vão solitários os caminhos; alarga-se o silencio por toda a extensão, aproximando uivos de cães que vigiam malhadas pela serra.

Aqui é outro mundo: dez, vinte léguas de Coímbra, êste passeio de dois mil passos!

Nem restaurantes mosquentos, nem os intelectuaes de cosmético, nenhuma hediondez — tudo quietação e suavidade para repoisar a alma de dias tediosos e mortificantes.

O encanto de êstes arredores!

Para além da cavidade abismal, que corre à minha frente, branqueja a ermida de Santa

Comba, Virgem e Mártir, que o Agiologio Lusitano e outras Memorias de piedade exaltam com tantos louvores para estímulo da vida perfeita.

Adeanta-se na incerteza de êste claro-escuro, o alpendre antigo, poisando em leves colunas que a verdura reveste no dia da festa, quando o sino tambem acorda do sono de um ano no campanário singelo.

As paredes quasi as tingiu de negro o crepúsculo e toda a ermida agora se vai envolvendo no silencio frio que se desdobra.

Cerram-se de todo os estevaes e para o ar, ansiosamente alongados, alguns pinheiros velhos se erguem, a penetrar o mistério da noite.

Fantasmas de montes avolumam-se nas sombras, mudam-se em formas exquisitas, a cada instante, como quadros de terror bíblico. E na solidão escura, ocorre-me a lenda da Virgem Santa Comba, morta pela fé de Cristo, ás mãos dos infieis:

« Comba era uma donzela, de maravilhosa formosura, que guardava ovelhas por estas

fragas. Corria a sua fama pela redondeza — nunca se vira mulher assim tão bela, perdida nas sombras do mato.

Ouviu um rei mouro falar de ela, logo foi ao seu encontro; quando a viu, deu-lhe o assombro uma grande paixão e a quís para mulher e raínha.

A pastora era baptizada e humilde e quando o rei foi pedí-la com grande comitiva à cabana do pai, ficou admirado de ver a recusa da donzela e dos parentes, que por nenhuns bens de êste mundo ela queria trocar a gloria do outro.

O rei enfureceu-se no seu despeito e cheio de más tenções, começou de perseguir por vales e oiteiros a Virgem Comba que por designios de Deus se refugiara com seu irmão no denso de um bosque que aqui perto havia.

Muito tempo lá viveram escondidos, até que o rei a chegou a encontrar, vindo a dar-lhe no martírio uma gloriosa morte, crucificando-a com grandes tormentos no tronco de uma oliveira. Para memória perpétua de êste sacrifício à fé de Nosso Senhor, um retábulo no interior da

ermida representava antigamente o martírio de Santa Comba, com o rei feroz encostado a uma lança e rodeado de seus servidores. »

Assim é a lenda que pode ouvir-se singelamente da bôca rugosa de qualquer velhota que por ali aconteça de passar à tarde, iluminando de claridades cristãs toda a graça da narrativa.

Mãos de camponesas renovam de quando em quando as flôres do altar.

Por léguas em redor centenas de devotos esperam ano a ano a festa de oração para nela folgar, que o povo ama de preferencia e com mais confiança, os Santos que vivem longe dos povoados, como velhas divindades tutelares da vida rural.

Neste convivio familiar de homens e deuses, Cristianismo paganizado que a gente simples professa e ama para o intender — encontram o segredo da felicidade estas almas a quem os terrorismos infernaes nunca puderam inquietar por seus ingenuos pecados.

Ali vivem os ermitões, velhinhos e pobres, cultivando um rectângulo de terra magra, em

frente da ermida, tão penetrados da amoravel simplicidade dos nossos rústicos que me fizeram inveja naquela solidão.

E lá repetem a quem os visita, sob o alpendre ou dentro das paredes frescas de azulejos, a história do rei mouro, desfigurada à feição do narrador, com tanta segurança de verdade, que até Santa Comba parece uma rapariga de ontem, familiar do velho e por ele mesmo acariciada em pequena, ao contacto da sua barba queimada, cheia de veneração e bondade.

IV

Duas Penitenciárias

Nas voltas do Penedo, à tarde, quando a tragedia do Sol melancoliza a face das coisas — lembro-me sempre da sorte paralela de duas especies de reclusos que o meu caminho ladeiam: os penitenciários e os *teresinhas*.

Altos muros separam aqueles do mundo, furtam-nos à comiseração de quem vai distraído no hábito do passeio e mal deixam adivinhar o inferno de horrores que afligem as almas dos condenados, reduzidos a uma sombra de vida, arrastando os pés na linha recta dos corredores.

A convivencia limitada ou prohibida de todo, lá dentro, nem chega a permitir-lhes o remorso de se envergonharem uns dos outros!

O condenado ofendeu a sociedade e para que a deixe em paz, impõe-lhe ela um sacrifício

maior que a morte, naquela triste solidão de alma, obrigando-o à renuncia do prazer de viver, à palavra, ao sol, às noites estreladas.

Então, veem-me á lembrança as teorias criminais, escolas e tratadistas, já vou construindo uma profunda lição de penal...

Farrapos de *sebenta* começam a atear-se, todo o meu sêr emotivo se enreda em raciocinios generosos e sabios. E assim vou cogitando:

« Se a pena moderna deixou de ser reparação, chamando-se defesa social, continúa a manter ainda o aspecto opressivo que deve anular totalmente algum senso moral que o criminoso levou para a prisão.

Penitenciária não devia significar martírio, era para traduzir escola ou hospital.

Alèm de insensato, é deshumano que se avive constantemente o crime, quando o que é preciso é faze-lo detestar pela provocação de forças reactivas de energia moral.

Daqui a cem anos, havemos-de ser tão censurados de bárbaros nos processos de punir, como agora julgamos Roma pela crueldade do

ergàstulo, a idade-média pelo polé e a inquisição pelos requintes de tortura.

Não falo jà nas execuções solenes em que a descarga de uma força de tropa tiraria mil vidas ao executado, se as tivesse, nem no fantasma da guilhotina que tantas vezes se ergue ainda sobre a terra culta da França.

Refiro-me à generalidade dos meios repressivos, desde a cadeia comarcã aos presidios no logar do degredo. A nossa cadeia é sempre um antro que fatalmente tornaria criminoso um homem bem equilibrado e honesto, onde a higiene falta de todo e não ha moralidade nem sentimentos, nem ideias capazes de normalizar um espirito mal conformado ou de erguer os pervertidos acima do lodo em que caíram.

No fim da pena, o criminoso sai peor do que entrou, e se não fôsse o determinante, ainda que fraco, do exemplo para os outros, era absolutamente inútil a pronúncia de crimes, com intuitos regenerativos.

Em Portugal existem algumas casas de correcção para menores, e admitindo a eficácia delas, logo a gente tem de atribuir à má estrela dos

penitenciários a desgraça de não terem delinqùído em pequenos para a sociedade lhes dar o direito de se tornarem melhores!

Tais absurdos são possiveis no sistema penal vigente que a razão e a humanidade exigem que se uniformize, de alto a baixo, de modo a não se atribuir ao julgador competencia dogmática para fixar previamente o tempo da correcção que ha-de ser variavel com a índole de cada reu.

Qualquer que venha a ser a solução doutrinária na futura Criminalogia — ela ha de tender à suavização da sorte dos que vieram da natureza desarmados para resistir aos impulsos delituosos, e ao levantamento do *castigo* a quem não foi livre na delinqùencia.

Quando chegar essa conquista sôbre o anacronismo afrontoso dos códigos, os delinqùentes não irão cumprir uma pena, mas fazer uma cura, a maior parte de eles. »

Assim fala a Sciencia, à espera de que a escutem... E eu vou continuando o caminho e a meditação desta tarde religiosa e lírica.

Ao lado da penitenciária de Coímbra que tão infelizmente ali vieram erguer, rezam dia e

noite as freiras de Santa Teresa, fugidas na cela à perdição do mundo, em busca de uma vida perfeita.

E na pureza, na bondade e no amor a um ideal de ventura eterna que as chama para além da Morte, desfiam elas a existencia, arrependidas de males passados ou aspirando a maior virtude.

Ali se continúa com fervor a *stultitia crucis* que por amor de Deus matou para a Vida os que nela se viram desterrados. Deante destas janelas gradeadas que as defendem da multidão, o meu scepticismo não pode ter desdens, inveja-lhes a ilusão da sua esperança...

A reclusão monástica era um triunfo e uma líbertação: a renúncia ao mundo inteiramente, afigura-se tão grande heroìcidade que fácil coisa serìa o suicídio, se a Regra o aconselhasse.

Em frente, os penitenciários arrastam os ferros da sua condenação; no pobre mosteiro das carmelitas, mal rompe o dia, jà o sìno lhes lembra fielmente o oratório.

De ambos os lados, o isolamento e o sacrifício: ali por males praticados, aqui por prémios a receber.

Se numa parte o castigo excede o delito, na outra, sempre a recompensa é superior ao mérito.

A pena é degradação para aqueles, para estas o sofrimento é gozo, ele encaminha para a virtude que santifica.

E na loucura de essa virtude casta e sofredora, encontram elas a ilusão da felicidade — quanto basta ao seu desejo.

Felizes os que na vida encontram um ideal por que possam sacrificar-se!

V

Carta a uma vizinha triste

Longas semanas sem rir, a evitar o Sol que a espreita de longe para lhe doirar o moreno da face, vejo-a sofrer do meu quarto, hora a hora, e às vezes correr as mãos pelo piano, negligentemente, procurando espalhar a melancolia do outono.

Em vão!

Entristeço-me consigo, minha Senhora, ao reparar cada dia na funda angústia dos seus olhos, sôbre que as pàlpebras descem pesadamente a ocultar um mistério doloroso.

Percebe-se-lhe ao primeiro aspecto a contrariedade em reparar nas coisas que a cercam e avalío que a sua repugnancia em olhar êste mundo de enganos, deve ser tão grande como

o anseio de um cego de nascença por ver as mãos que o acarìcíam.

Talvez a minha boa vizinha tenha razão: não vale a pena sacrificar às frivolidades de todos os instantes o alto pensamento que já um dia lhe encheu o espírito de esperança e que ainda agora é capaz de o nutrir de mágua tamanha.

Aqui na rua, toda a gente pensa na sua tristeza e todos os corações estão condoídos do seu amargurado viver.

É assim a natureza humana.

Ainda ontem...

A sua voz ninguem a conhece, nem ha esperança de ouvi-la romper o silencio em que a sua alma sufoca.

Chove teimosamente desde manhã cêdo, é quasi noite e ainda vejo, através de uns vidros lacrimosos, a mancha eternamente roxa de esse vestido que lhe vem fazendo o luto da saudade na terra amoravel de Coimbra.

Escolheu bem, minha Senhora.

Para exílio de almas doentes, Coímbra é uma sedução invencivel.

Aqui sofre-se muito, infinitamente mais, porque tudo é triste à roda de nós, e para quem na dor encontrou destino, chega a ser dôce sofrer sempre, na confusão dos males próprios com os alheios.

Agora estou eu notando que lhe marca o ritmo da saudade a chuva a caír, miuda, egual, sempre a mesma, porque tem abandonado nos dedos o divino Musset, o melhor companheiro para a solidão dormente do seu espirito, em que os dias lhe passam insensiveis, como caiem as folhas do calendário de parede...

Lembro-me de lhe mandar noticias de cá de fóra, dos campos e do ceu, na tentação de a distraír — se eu pudesse! — dizendo-lhe como sinto hoje a bondade simples das coisas, os longes de verdura a arripiarem-se de frio, os musgos do seu telhado mortos todo o ano e agora alegres do esplendor dos pombos que sôbre êles arrulham de amor.

Lá vem o lamento do sino, aquele nocturno dolorido, trazer vozes de noviças roubadas ao mundo e em cujas sepulturas a inocencia semeou lírios que renasciam cada ano.

Não o sente hoje? Aquele sino vigilante que todas as noites espalha um crepúsculo de gemidos, toada de alêm-mundo que a alma da minha vizinha recolhe, sorvendo-a em soluços... não o sente?

Ás vezes vejo que o escuta e é então que melhor reparo na sua testa alta, caída de uma soberania antiga e lembro-me timidamente se o meu pensar não será o seu pensar, cuido ler o seu infortunio misterioso, as noites desveladas, os pesadelos...

Sofro consigo, minha Senhora, e quasi nem sabe da minha existencia, sequer para me desdenhar, a mim que divulgo a sua dor intima e por ela esqueço os meus males.

O seu passado... que infinita saudade!

Diz-mo Chopin arrastado romanticamente agora, sacudido outras vezes com impeto, em dias funestos de maior crise.

E toda a gente me interroga sôbre o segredo do seu pesar que tambem é meu, sem saber porquê.

A servente pergunta-me se ficaria orfã de mãe em pequenina, conta-me a experiencia da

boa mulher vários casos para esclarecer o misterio; alguns amigos meus fazem-lhe sonetos e outros chegam a tentar-me a paciencia com perguntas impertinentes, envenenadas de malicia.

Por mim, tenho muita pena de que um sorriso seu não ilumine a rua, nem a graça que pode ter toda a mulher nova e formosa, tranquilize a ternura e o cuidado desta vizinhança compassiva.

Amanhecem ás vezes lindos dias de sol, ha na cidade distracções que tenho a ousadia de lhe recomendar: o cinematógrafo, a missa das onze, a música no Caes, o que ha...

Senhora da Tristeza, queira sorrir!

Beijo-lhe as mãos.

VI

Canto do Cisne

Naquele tempo não viera ainda a reforma que instituiu o *Curso sobre as confissões religiosas nas suas relações com o Estado.*

Ainda se estudava e dizia, naturalmente, sem perigo, *Direito Eclesiastico* — que vinha a ser a mesma coisa, segundo me consta.

Eu, nós todos, os ultimos, andavamos no terceiro ano e tinhamos tambem como professor o Padre Pitta que já era velho com o seu farto cabelo branco, tão velho como sempre foi, desde que da sua cabeça tombara, havìa trìnta anos, a ultima mitra de Elvas.

A cadeira que esse lente professava, chamava-se então Direito Eclesiastico, como lhes vinha dizendo.

As aulas eram cheias de animação e interesse para todos naquele outono saudoso.

Parece que até havia no curso muita vontade de saber, que o meu curso tinha rapazes aplicados, fiquem-no sabendo os senhores.

Não sei porquê, encontravam-se ali grandes vocações de ministro que planeavam defender decisivamente as regalias da corôa, deante da invasão romanista.

Ainda estava na lembrança dos mais velhos a rebeldia dos conegos de Lamego e a resistencia de alguns Bispos ao Poder Executivo...

Pois daquela aula, regida pela competencia intangivel do Dr. Paiva Pitta a quem até a Republica já pediu argumentos, sairiam armados os futuros defensores do braço civil, abatido por continuas transigencias.

Era um curso cheio de esperanças, suponho até que nele tinha os olhos postos a crença messiânica daquela epoca.

Haviamos já definido Igreja e mostrado que ela era uma sociedade de instituíção divina, que tinha uma hierarquia e uma constituição apostólica.

Ouviramos até dizer que fôra das lampadas dos nichos nas encruzilhadas que nascera a ideia de iluminar as cidades.

Iamos preparando uma solida sabedoria, já estavamos no scisma lusitano que Pombal levara a cabo e andavamos aprendendo a distinção e divisão dos concilios. Muitos queriam a Igreja Lusitana, suas antigas liberdades e privilegios, segundo os foros da Tradição.

Dou conta de uma corrente liberal que se insurgia contra Dom Sebastião pela precipitada resolução de receber como Lei do Reino toda a doutrina do Concilio de Trento.

Uma tolice de rapaz beato...

Já os archeiros traziam da Biblioteca para a mesa o monumental *Corpus Juris Canonici,* as *Focas* pediam-se com altos brados, o professor exultava com tão grande aproveitamento e ás vezes contava-nos opiniões suas, secretas, como a da vinda de San Paulo e até de San Pedro á Penìnsula Hispanica.

Havia realmente razão para o País esperar por nós, por aquele curso de rapazes prometedores...

Tão largo e compreensivo era o perimetro dos planos de estudo, que nas sebentas tratando-se da Lei Antiga e dos Judeus, se falava

em Karl Marx e em Sarah Bernhardt, pertencentes à Raça maldita.

E discutia-se a Tragica, a pretexto da maldição divina, na aula de Direito Eclesiastico...

Um dia veiu em que a discussão subiu alto, abriram-se as cataratas da sabedoria e a aula era então a viva imagem da Torre de Babel.

O Dr. Paiva Pitta, alma paciente, como a de todos os grandes sabios, para os desvarios da mocidade que dirigem — exorava, suplicava...

Jogassem as cartas, fumassem embora os mais escravos do vicio, mas interromper a prelecção, nunca!

D'ali por deante, a antiga compostura de estudantes aplicados era apenas uma lembrança, perdeu-se o respeito á Disciplina que é base e segredo dos grandes triunfos.

Numa hora de confusão, um apito de alarme varou a atmosfera pombalina da sala.

Silencio. O mestre continuava, sem dar acordo, a discorrer sôbre as *Decretaes* de Gregorio IX.

Outro silvo mais prolongado. Silencio.

Então uma voz anunciou:

— É o toque do juizo final, sr. Doutor!

Um silvo agudo, desesperado, atroou os nossos ouvidos, outra vez ainda.

Parecia aquele um momento tragico que assaltava a nossa timidez.

O Mestre dispôs-se a intervir finalmente.

E assim falou:

— Toco esta campaínha; virá um archeiro; com ele irá esse aluno à presença do sr. Reitor confessar a sua culpa.

O archeiro entrou. Silencio mal contido.

— Espere, diz-lhe o Mestre; ha-de levantar-se aí um senhor que acompanhará ao sr. Reitor.

O bom homem esperou, esperou, olhando risonhamente para todos os lados, com a mão no espadim.

Ninguem se julgava reu.

O Mestre, nervoso, fitava os olhos no curso atento, mais que nunca.

Quem seria?

Minutos ansiosos passaram, começara o riso nas ultimas bancadas e vinha já alastrando desrespeitosamente, com ruido.

Então, mais lívido o pergaminho da sua face, o velho Mestre viveu na dôr de esse momento toda a desilusão de uma vida gloriosa e sabia.

A mão tremia-lhe apanhando uma dobra da capa. Deante dos seus olhos só havia o vago, o magro corpo ergueu-se-lhe numa curva hesitante para dizer, naquela hora historica em que se dava na Universidade a ultima lição de Direito Eclesiastico:

— Ninguem se levanta?! Pois então, levanto-me eu!

E já a sua figura vacilante se adeantava sôbre os sapatos de fivela, nas escadas da cátedra, quando a voz de sonambulo lhe morria na garganta, como eco de um delirio:

... tambem dos portugueses,
Alguns traidores houve algumas vezes.

E nunca mais voltou.

VII

Maria do Nascimento

Um dia dêstes, de triste névoa, a minha servente com o avental enrolado no pulso trémulo, veiu contar-me que uma rapariga tinha morrido envenenada:

— Pouco juizo, senhor doutor, pouco juizo!

Não me tentou o desejo de contradizer a pobre mulher com uma dissertação pessimista sôbre os males da vida, considerando com respeito no heroismo com que ela os tem suportado até hoje e limitei-me a concordar, banalmente:

— Sim, foi uma grande infeliz, coitada!

E pús-me a ouvir a minha servente.

Sabia coisas confusas, retalhos tragicos de tristes casos, do tempo em que eram freqùentes

e assim foi tecendo uma historia de amor nada original, mas com algum misterio para meditar, como todas estas historias do coração.

Depois informaram-me: amor, tédio, um pecado, desespero e morte.

A via amargurada que os amorosos hão-de seguir quasi sempre... Matam-se os que amam, quem não é amado, desespera-se, os que se deixam amar, aborrecem-se, na maior parte das vezes.

Por esta escala de fatalidade todos sobem a qualquer altura; poucos teem coragem de se precipitar do mais alto.

Maria do Nascimento era corajosa deante da morte: a vida valia menos que a vergonha pressentida de que alguem poderia ainda ofender a castidade da sua impureza...

— Não me levem para a *mesa de pedra* — suplicava ela no hospital, sentindo os passos da morte.

Com piedade lhe cumpriram o último desejo que era tambem o seu testamento.

A sciencia não lhe foi lacerar o corpo moço, devassando-lhe friamente o coração e as entra-

nhas e deram-na á terra tão inteira como morreu, naquela manhã de frio.

Um recato quasi obsessivo de pudor, chega a ocultar na tricana de Coimbra todos os vestigios do pecado.

Estas flôres de vicio raro conhecem a degradação repulsiva de outras mulheres, suas irmãs no mau destino — para ele seguem em risos claros, de alma lavada, como a caminho da romaria de Santo Antonio dos Olivaes...

Quando lá por fóra o Romantismo morreu de palidez e toda a sciencia do amor é uma correntia aritmética, estas preciosas raparigas que desde el-rei Dom Dinis o destino nos prepara para companheiras de ilusão, teem ainda a suprema virtude de se afirmarem humanas, supersensiveis e desinteressadas.

O conflito aqui era rudemente cruel.

Ele tinha razão, ela tinha-lhe amor.

Aquele desvio fôra uma loucura, merecedora de castigo. Dizia-lho o seu remorso.

E agora? Procurar novo arrumo? Entregar-se, ao acaso?

Sempre na lembrança lhe pesaria a maldição negra daquela falta.

A morte libertadora acabava tudo, ela daria razão ao seu amor.

Ninguem é capaz de se matar sem um grande motivo que não seja tambem uma grande dor.

A má-lingua havia de calar-se, as censuras depois seriam lástimas e palavras de compaixão para quem pagava com a vida um delito, um delito vulgar de toda a gente...

Que mais podia exigir a consciencia de quem a acusava? Nada.

Ficariam ainda a dizer mal de ela?

Mas para não ouvir é que era preciso esconder-se no fundo da cova.

Tomou fósforo e morreu atravessada de agudissimas dores. O sacrificio redimiu-a nobremente. Qualquer grande Santo cristão não lho teria consentido — era demasiado.

Absolvia-a no seu coração e perdoava-lhe o grande amor, dizendo-lhe evangelicamente: « Vai e não tornes a pecar ».

O triste caso escureceu por alguns dias a alegria da rua.

Amigas suas e mulheres de bom coração deixaram o trabalho para virem velar por ela, antes de a levarem para o hospital.

Cercaram-na de carinho, com fé rezaram ás estampas defumadas do seu quarto, para que Deus a não levasse, para que aqueles olhos pretos, aqueles cabelos pretos, a sua mocidade florida, não a engulisse para sempre a vala do *Pio,* lamacenta e funda aonde ficou.

Toda a gente agora a bendiz: vale a pena morrer a quem tiver ambição de ser bom.

Se no sacrificio e no renunciamento consistem as formas extremas de responder á hostilidade da Vida, Maria do Nascimento escolheu a última e libertou-se gloriosamente.

Os felizes e os fracos disseram o seu desdem, ao ve-la partir: vale lá a pena!

Ela não lhes respondeu, mas talvez tivesse pensado com infernal prazer que já muito poucas seriam capazes de se matar por amor.

INVERNO

Noite escura, frio de morte nos telhados.

Sons perdidos, de guitarras quebradas, ondulam vagueantes por sôbre farrapos de lenda, nestas ruas goticas, densas de negrume, que vão acordando ao sacrilegio de nossos passos.

Andamos tresnoitados, em procura da Idade-Media, por entre càveiras de casas a atravessar bêcos silenciosos, nomes vão passando como inscrições tumularmente frias que enregelam o ardor da ilusão que aqui te trouxe, ainda, Primo Albano.

Pobre de ti, meu amigo!

Entraram fios electricos na Universidade, as ruas estão iluminadas, varridas, policiadas em nome da Ordem e da Civilização...

Vê, meu amigo, que barbaridade!

Quando os do meu tempo aqui chegaram, parece-me que ainda havia portas em Almedina que se cerravam logo, mal anoitecia, por ordem dos aguazís. Entrava-se na Universidade como num Santuario, religiosamente, ninguem cruzava o Portal de capa no braço e havia respeito pelas Leis e pela Disciplina.

Ainda era pecado viver com mulher, as familias dos lentes formavam uma casta desdenhosa e soberba pela sabedoria dos chefes.

Depois de atravessar longos anos, de rastos, entre montanhas de in-folios, subia o candidato ás supremas glorias de Minerva, trazido ao capêlo na sege pombalina que uma nobre dama da Quinta das Lágrimas, protectoramente emprestava, por tradição da Casa.

Então corriam das aposentadorias dos arrabaldes, a sentar-se nas doutorais, os ultimos lentes de cânones, para receber do doutorando, em troca do abraço e do beijo fraternal, o presente de doce e os doze vintens em dinheiro.

Ser lente era receber na fronte a scentelha da Sabedoria que ficava alumiando por todos os seculos, as gerações bem-aventuradas de descendentes.

Os filhos e as filhas, as ditosas mulheres dos lentes!

Na terra não havia maior gloria entre os mortais.

Desafogar em rima, num semanario provinciano, a paixão por alguma destas princesas, não era a forca, não, mas era um R do pai e

outro ás vezes do amigo, na maturação do quarto ano. Quasi a pena ultima!

Entraste num inverno hostil, meu querido Primo: já era moribundo o nosso outono.

Os cursos davam ás vezes " recitas de despedida " para trazerem familias e noivas á comunhão do Maravilhoso.

Se a discordia irrompia e o projecto naufragava, logo algumas consciencias honestas lançavam um manifesto ao País, justificando-se, salvando a sua responsabilidade com honra e brio...

Eram os ultimos cavaleiros da Tradição.

Serenatas havia nas quartas-feiras, quando os espiões do lente não saíam a espreitar a luz do estudo pelos vidros da janela; longe vinham

os actos, era tolerante o comissario com a algazarra, aparições de renda conta-se que vinham escutar atrás de romanticos portais.

Rimava-se o amor em quadras de improviso, tinha de ser poeta o mais boçal amoroso, para arquear a voz até ás estrelas, arrancando-lhes lagrimas de luz viva.

Vamos ainda mais atrás, Primo, com a lembrança da Sr.ª Conceição (que alêm vende ovos e dá dinheiro a juro, seus fios de oiro ao pescoço), ouçamos-lhe maguas verdadeiras:

— Um rapaz Loureiro que se formou em "fitas azues" e fugiu com uma senhora de chapeu, apaixonada por ele, de bem que cantava...

O Hilario, ela o conheceu, a morrer tisico, pelas travessas da Alta, abraçado á guitarra

dos fados, toda cheia de remendos a capa que o havia de amortalhar...

Lagrimas do Tempo caiem nas ruinas frias, saudosamente.

E' o acordar da tua ilusão, a morte do teu sonho, meu pobre Primo.

Tardes de novena, vozes misticas cantavam hinos que vinham morrer em nuvens erradias, sob os esplendores azues do ceu.

Duas, tres da manhã, o Crescente diz adeus à colina, Palacios Confusos, Beco da Anarda, Couraça dos Apostolos — nomes musguentos a acordarem remembranças heroicas, lá do fundo do passado, amores, beijos, primaveras eternas que se esfumam em longes de suavidade. Nunca mais!

Batem asas todos os fantasmas do teu sonho — ouves? — lá vão eles a desprender-se da Vida, suspirando.

Querido Primo, meu Albano e meu caloiro: erraste o teu caminho; não esperes para regressar a casa, a manhã de Sol.

De que te vale ser doutor, se perdeste o grau, a ilusão, e chove cinza sôbre a cidade?

Tens uma floresta na serra, aguas cantando à porta, a paz do teu solar antigo e o teu despreso. Toma a urna das cinzas e parte.

Parte, Amigo, parte, e deixa ficar o teu despreso. Adeus, não voltes a cabeça para trás...

I

Penedo da Saudade

« A câmara resolveu mandar proceder à abertura da rua n.º 4 do Penedo da Saudade ».

Dos jornaes.

O Penedo da Saudade morreu e aquela notícia é o epitáfio para a Memoria.

Laconismo sêco, modesta inscrição que tão bem fica aos que em vida fôram bons.

Os senhores da Câmara barbarizaram o espirito do logar e certos homens de mau coração hão-de admira-los e até bendize-los.

Havia dois anos já que um negro comboio cuspia fumo na pureza dos ares, curveteando olivedos e pomares em flôr.

Aos primeiros arquejos da máquina, todo o vale estremeceu em ecos nunca ouvidos — adeus silencio e paz para os que ali amavam a solidão!

Aquele comboio sôbre que caíram desesperadas maldições de barqueiros famintos, era

para o Penedo a ameaça de morte que o Progresso lhe mandava em gargalhadas de ferro fundido.

Viria depois a dinamite.

E a dinamite veiu rasgar as entranhas da rocha, mansas oliveiras tombaram na linha geométrica dos cortes em que se abria o ventre da terra virgem!

O Penedo da Saudade é em breve tempo um bairro burguês, com filas de casas angulosas como caixotes de sabão, em variegadas tintas e modernices, a reclamarem expropriação gratuita a beneficio da Estética e castigo dos senhores donos.

Para isto se espantaram as aves de lindo cantar que os garotos da rua vão perseguir à pedrada para sempre!

Nem refúgio de tristes, nem sanatório para máguas do coração, se pode ali procurar jamais.

Rumores de mercearia eu adivinho, desordens em tabernas, barbeiros lambidos, carros de lixo e em nome da Ordem, uma esquadra policial — a Esquadra do Penedo da Saudade!

Amontoam-se-me agora contradições hediondas, gaz, cafés, máquinas, uma onda de progresso que esmagará a doce rusticidade do mais cantado dos *logares santos* de Coímbra.

O convento das Teresinhas virá transformar-se no Parque ou Hipódromo de Santa Teresa!

O Penedo da Saudade!

São mil lembranças que se chocam com tantos horrores premeditados.

Aquelas piteiras dos combros, lembram-se?, que ha séculos oferecem à crueldade dos passeantes as folhas cinzentas e ás vezes floriam por acaso, fôram desenraizadas em sacrificio a plantas exóticas que a terra não sabe nutrir...

Só quem por lá passou, bem o sei, e alguma coisa deva ao Penedo, poderá sentir em revolta a crueldade de tal obra.

O Penedo da Saudade que fazia suspiros só de se pronunciar em tempos de nossas avós, era mais Coímbra que a Universidade e a torre, que os capelos e os estudantes, que a história, que a lenda.

Podia tudo acabar, o pouco que ha dogmaticamente belo — guitarras, cantigas e tricanas — ficasse o Penedo e era bastante.

Ardesse o Paço, sôbre a charamela tombasse a tôrre no horror de a ouvir, nada, nenhuma notícia mais mortificadora e imprevista.

Pois êstes senhores edís engomados, gente dura e inexoravel como um código penal, mandaram arrazar as azinhagas musguentas que corriam em torcicolos por entre olivaes, todos os anos murados de flores e trepadeiras, a lembrarem recantos gratos à nossa saudade de provincianos.

E — supremo encanto de esta certeza! — aquela terra do Penedo, de tão bondosa paisagem, não tinha dono, nunca alguem lho conheceu, era um baldio para meditar...

Duas linhas de jornal fecharam uma história e abriram outra em que já se podem ler dizeres afrontosos: rua do Conselheiro Aniceto Antunes, Chateau-Rodrigues, Vila-Mariette...

Lembro-me de invocar os manes dos poetas românticos, vingadoramente, denunciar o ultraje

à Literatura, pedindo para ela a intervenção dos altos poderes. Em vão!

Toda essa gente perdeu o crédito na morte: os senhores ministros que nos governam sabem lá, por exemplo, quem era João de Lemos e a pleiade do Trovador! (*Pleiade*, justamente: assim eram chamados em boa literatura).

O remédio é chorar sem esperança.

Poetas guedelhudos que por lá esfarrapastes a alma em rimas loucas, amorosos e folgasões que tendes atravessado o lustro para colher o pomo de oiro da carta — entoai todos a Elegia do Penedo!

Venham os pacatos, as almas artistas, os simples animaes ou simples espiritos — todos lhe deverão alguma coisa, o sorriso de uma ilusão, uma sombra de desalento!

Pois essa entidade de importancia, por quem se interessava toda a gente, que já entrara na consciencia nacional, como a Batalha e as Glórias da India, foi victima do zelo furioso da administração municipal. Triste fado!

Quando agora, em boticas de provincia, meretissimos juizes, folheando o seu livro de

memorias ás informações de estudantes em férias, perguntarem naturalmente pelo Penedo — como vai o Penedo?, espertos segundanistas responderão logo:

Que é um bairro vistoso, moderno, cheio de conforto e de civilização...

Nem o pobre bacharel-1860 já terá voz para dominar aquele entusiasmo no ultraje à memória do Penedo da Saudade — saudade dos que vinham, saudade dos que voltavam...

II

Casa auxiliar...

Em certa rua da Alta, sôbre uma porta bem guarnecida, inclina-se uma elipse em que inscreveram esta legenda: « CASA AUXILIAR DE CRÉDITO INDUSTRIAL ».

Este eufemismo polido está ali para encobrir a nudez de outros dizeres, a modo de convite amavel aos que vão passando.

Escada ampla, bem iluminada a gaz, denunciando conforto e até opulencia interior; boas maneiras do empregado de escritório, como de pessoa acostumada por oficio a receber gente, a imensa gente que precisa auxilio...

Lá dentro, no *pêle-mêle* dos objectos, pasmam os olhos de aquele interior de casa visto do avêsso: mesas sôbre cadeiras, cadeiras sôbre mesas, tapetes feitos reposteiros, espelhos sôbre

fogões, pianos cobertos de louça e de calçado, jarras novas e velhas poisando a medo em filas de malas, por escuro corredor.

Ao fundo, um salão atulhado, de cujas paredes pendem quadros, gravuras, oleografias, miniaturas e infinitas coisas de que pouca gente conhecerá a aplicação.

Estadeia-se de lado a lado, a iconografia da Virgem — *Anunciações,* copias miseraveis de Murillo e Fra-Angelico, a *Coroação,* de Botticelli, em estampas francesas, a *Mater Dolorosa,* como a conceberam pintores de diversos países em todos os tempos, ora apertando no peito os sete punhaes, ora envolta na tinta roxa de um manto, o olhar pisado da mortificação.

No meio de ferragens e utensílios, sôbre oratórios tombados, avulta a velha nudez de crucifixos em monte, reduzidos a simples artigos de comércio, eles que já foram para tantas almas, em santuários domésticos, consolação e esperança.

Por um sacrifício inultrapassavel, o Filho de Maria realiza numa casa de penhores uma redenção nova — a económica.

Judas, por trinta dinheiros o vendera com despeito, os discipulos de êste século de miséria e maldade, vendem-no para matar a fome ou a cubiça.

Nunca o Supremo Idealista sofreu ultraje comparavel a esta degradação a que agora é levado pela necessidade ou pela descrença.

O Filho de Deus é mesmo ali, victima do seu ideal, supremamente perfeito e para sempre incompreendido . . .

O Paraíso é uma visão longínqua de mais, para que o Homem tenha a esperança de atingi-la.

Morta a esperança, cheio de fome, pela última vez implora do seu Deus o que precisa.

Ele, pregado na cruz, dá-lhe apenas no exemplo a mesma ilusão que o matou e o Homem desce-o do altar com vingativo desespero e vai troca-lo pelo pão da vida!

Faltava ainda êste passo da Paixão: o *prégo* é a décima-quinta estação da Via-sacra e a mais afrontosa de todas!

O Homem rebela-se, já não quere um Deus inútil e vai mete-lo no *prégo*.

Ali não ha religião nem piedade, ha um requinte novo da moral benthamista, todo o sentimento se oculta debaixo da avareza.

O que não fôr redutivel a moeda, não presta. O *prégo* é um sorvedoiro — tudo lá cabe; é um bazar onde nada se perde por mau.

Pode-se ali comprar tudo, porque nada deixaram de lá vender. Basta olhar.

Ao canto, sobre o pano verde de uma mesa de jogo, uma larga exposição de retratos de familia, sacrificados pelos descendentes.

Damas de linhagem, mãos de duquesa, orgulho da raça nos olhos; retratos de noivado, em ricas molduras, creanças sorrindo em posição, velhos de ilustre barba que já morreram — todos escriturados por sua ordem no livro do balanço...

Arrogantes cavaleiros, da época de setecentos, com chapeus armados flamulando, na recordação de batalhas que se sabem de cór, lá estão desprezivelmente cobertos de pó, a cubiçarem para o actual dono uns ignobeis tostões...

Mesmo ao lado, um leito aristocrata, bem lançado, cruz de Malta e besantos á cabeceira, cravos holandeses que mal suspiram, quando a curiosidade lhes vai molestar as teclas ferrugentas e saudosas.

Gloriosas espadas, velhos alfanges da conquista, em arremedo de panoplias com pistolas de todos os modelos que dizem duelos e emboscadas, rosarios de orações, reliquias sagradas dos santos, iluminuras ingénuas, revestem as paredes da casa onde relógios de todos os tamanhos dão horas constantemente.

E é para notar a aproximação das mais contraditórias coisas: Venus e Maria, San-Francisco de Assis e Torquemada, mundanas meio nuas em companhia de Isabel de Aragão, Sátiros e Serafins, o Anjo Custódio e o Demónio infernal!

Uma casa de penhores, alêm de curioso capítulo de psicologia, é o mais fiel registador do estado económico das familias: *prégo* cheio, falencia doméstica.

Pode toda a gente iludir-se sôbre o estado de êste ou aquele *ménage;* quem não se engana é o penhorista, todavia quasi sempre pessoa discreta para não provocar surpresas, nem abalar a confiança da freguesia.

Através de um penhor, toda a mentira desaparece, o fausto é pura miséria e a paz doméstica, tão cantada muitas vezes, desordem permanente.

Entrar num prégo é ler um índice de pobreza envergonhada, ao mesmo tempo burlesco e trágico.

Pena é que Balsac não *valorizasse* instituição tão generalizada, nem a aproveite hoje a psicologia profissional...

Que psicólogo é todo o penhorista, em verdade o digo.

Pela precedencia dos depósitos pode ele conhecer e graduar as preferencias dos possuidores, a sua cultura, hábitos, sentimentos.

Denunciam-lhe certas recomendações os afectos de familia; a dificuldade em ceder santas imagens, embora valiosas, o sentimento religioso; a demora no empenho de joias, a vai-

dade do adorno; a divida dos juros, o pouco apreço em que o objecto era tido ou talvez um crescente de miséria...

Contam-lhe ou ele adivinha a augústia da mãe de familia, o sobresalto de dúvida em que passa o intervalo do depósito à entrega do dinheiro — se darão *a conta,* se haverá coisa capaz de mandar em seguida!

No diálogo prévio com quem faz a entrega, só ha desdem na sua palavra e no seu gesto: à roupa suspende-a ao alto por uma ponta, mostrando o *farrapo,* aos santos pela cabeça, aos quadros passa-lhes os dedos, de raspão, sôbre a tela, depreciadoramente.

Em perpétua intimidade com a miséria alheia, o penhorista encara com profissional sorriso as mais dolorosas situações.

Deante de aquele homem grave de maneiras, tudo ha-de ceder, por uma obscura fatalidade.

Emmudecem guitarras e flautas, leques soberanos fecham-se tristemente, apagam-se lustres, deslocam-se cadeiras de bom estilo...

Tendo de ser enciclopédico, o penhorista sabe-o ser superiormente.

O objecto mais exquisito, seja do culto de Isis egipcio, o livro mais raro, tudo tem valorização imediata.

Levam-lhe um quadro, maldiz o pintor, seja Vinci ou Rafael; é preciso aleiloa-lo, tudo são entusiasmos pela pintura e pelo autor; cita-lhe até convictamente, casos da vida gloriosa...

A dentro da cidadela do *prégo,* é o penhorista um alto sacerdote daquele poderoso e eterno idolo que Moisés em vão mandou quebrar quando descia do Sinai...

Os que lá penetram, acham com certeza razão a Loria, para afirmar o que todos aqui sabem, na prosa redonda dos nossos mestres — que mesmo nas maiores criações da arte religiosa se vê aparecer o satânico sorriso do factor económico...

III

Os que pedem

Vagueiam ás centenas por esta Coímbra formosa, famintos e rotos!

Ao voltar de cada esquina, sempre a miséria estende a mão em súplica aos que passam.

Parece que subimos á cidadela da fome!

Sentindo o abrigo do sol, velhas andrajosas ennovelam-se nos vãos das portas, a espaços gemem, abandonadas para ali, olhos parados, contraída a face na dôr da cegueira.

Vàdios que o vício e a doença prostraram na rua, vítimas do trabalho outros, avergados, trôpegos, cancerosos, aleijados, mancos, vão rastejando, em cortejo de toda a hora, como uma cobra ferida de maldições, esperando que a morte os venha libertar.

Ás vezes assustam tres ou quatro macilentos, de barbicha rara de maltez, que vêm ao encontro, como de assalto, pedir sem esperança.

Todos os medem com o olhar, analisam-lhes a robustez — mal empregada esmola! — e passam adeante, sem já acreditarem os desgraçados que não têm trabalho nem boa-fortuna.

Passa gente e gente no tumulto das ocupações, o dia vai quasi no resto e talvez ninguem, em tres minutos sequer, visionasse lances de tragédia em que se reparte a vida de um mendigo.

Tragédia e comédia, que o pedinte é o maior actor da comédia humana, anónimo Coquelin, exibindo-se gratuitamente ou quasi.

Em geral, o mendigo é a ruina do que o homem foi. Ha muito quem ame e venere as ruinas pela piedade que inspira tudo que morre; nos pedintes ha um passado que se extingue á mercê do presente.

Quem atravessa a rua, vê nivelados pela miséria os malvados e os honestos, virgens e meretrizes, santos e diabos. A má sorte os igualou. Os que querem, dão-lhes o seu óbulo.

É o dó ou a ostentação que o deixa caír na mão do pedinte. Isto chama-se por aí, em jornaes e sermões — exercer a caridade.

O transeunte é sempre rogado em voz chorosa, adjurado pelas almas dos seus, dá esmola e fica com orgulho de dar ao pobre o que lhe pertence, como diz um Doutor da Igreja.

Sente consolação por ter secado duas lágrimas, dá-lhe prazer humilhar um irmão, vaidosamente estima que os outros, nòs todos, o achemos bom...

O mendigo fica-lhe rezando nas costas — é a sua recompensa. Beija até o dinheiro que devia queimar-lhe a mão, se a não tivesse insensivel.

Muitos *dão* para que os deixem e pagam na esmola o preço da libertação; se não compram um prazer, evitam uma contrariedade.

A miséria humana implora, grita de dôr, chega a afligir? Dez reis tapam a bôca importuna.

Uma alma sensivel dá muitas vezes o que póde e até o que não póde dar, mas quasi nunca é caritativa, como piedosamente crê.

Se a esmola é para quem recebe, um alívio material simplesmente, alcança aquele que a dá maior compensação com a certeza de que o semelhante deixou de ter fome, por alguns momentos da vida.

Alegra-se pelo auxílio que prestou na hora amarga, mas o prazer de um não é o prazer do outro, pode deixar de ser caridade e tornar-se puro egoismo.

Dar é quasi sempre subjugar, pedir é fraqueza, aceitar, submeter-se.

Exalta-se um, enquanto outro se humilha. Assim discorreria sabiamente alguma vez, o padre Antonio Vieira...

E não é possivel exceder a humilhação de um infortunado, á lembrança de que a sua vida oscila, hora a hora, entre o acaso de um capricho e de uma vaidade. Jesus Cristo, ao resumir a Lei e os Profetas no preceito do amor do próximo, invocou cautelosamente o nome de Deus.

A caridade não tinha o seu motivo na terra e aquele que a praticava pela esmola, devia logo olhar para o ceu, afim de que lá vissem o que ele ia emprestando...

O Homem de agora, filho do seu tempo, prescinde totalmente dos motivos da caridade, desde que um novo profeta, Max Stirner, lhe revelou o *Egoteismo,* proclamando-o deus — *Homo sibi Deus.*

Nem Cristo já mandara amar o semelhante mais que a si mesmo, como Ele fizera, por bem conhecer a fraqueza do barro humano e não obstante, já o notou um escritor, a sua caridade não passa ainda de um prelúdio.

Os humildes que o seu preceito mandava abraçar, aproveita-os Nietzsche como degraus para a super-humanidade.

Cada esmola que lhes fôr dada é um atrazo no caminho.

E enquanto doutrinam deuses e filosofos, o Homem fica hesitante e não ergue das pedras da rua os que diz seus irmãos! O sol ilumina-lhes a miseria á porta das igrejas para onde se arrastam logo de manhã.

Os que vão entrando para rezar são numerosos e de diversa condição. Reconhece-o o pedinte e a desgraça lhe desenvolve a astúcia: voz teatral, doloridamente modulada,

mais ou menos, consoante a probabilidade de receber.

Alguns, cegos, quasi sem vida, têm já só um murmúrio uniforme para cada rumor de passos que pressentem longe.

Outros cantam e tocam — o triste fado!

As ruas de Coímbra, pelos fins da semana, oferecem o aspecto do que seria uma exposição ambulante da miséria humana, para remediar a qual estivessem á prova filosofias e religiões.

A razão revolta-se, mas cala-se, como deante de uma fatalidade; o sentimento remedeia, consolando, mas não salva.

E os tristes continuam vivendo á mìngua, pelo acaso das horas, cobertos de andrajos, abençoando aquelles que os socorrem na rua e já vão seguindo esquecidos do sofrimento alheio.

Que pretexto, êste da esmola, para falsear uma virtude!

Caridade seria sentir com o pobre a sua dor, embora fôsse impossivel remediar-lha.

Esportular uma moeda é quasi sempre evitar o sacrifício de um rebate de consciencia que

sempre custa e é por isso que até os avarentos dão esmola, ás vezes.

Se isto não é virtude, é decerto um contrato lucrativo para ambas as partes.

... Ainda que já Voltaire dizia finamente que a virtude entre os homens é uma troca de benefícios ...

IV

Mimi Aguglia

Quando Mimi chegou a Coímbra, já todos nós sabiamos que para honra da Actriz, tinham esgotado toda a reserva de logares comuns, os críticos de teatro em Lisbôa.

Fôram eles mesmos a abrir falencia, num impulso de honestidade: não havia que dizer que não estivesse dito e vergonhosamente banalizado, mas era necessário por amor da justiça, que uma impressão nova se traduzisse em novas formas.

E então para o assombro da *Malia* e da *Figlia di Jorio,* eram exclamações repetidas através do arrazoado, como se tudo lhe fôra inferior e quasi um delito escrever assim.

Na verdade, o aparecimento de Mimi Aguglia nunca se esquece, porque ela excede em poder

expressivo as maiores trágicas e realiza o máximo que do genio humano pode esperar-se.

A *Figlia di Jorio* é a projecção viva da tragédia classica, de grandeza homérica, em que as acções são sobrenaturais e o Homem, um símbolo de heroismo a tentar o duelo com o Destino que é a vontade omnipotente dos deuses.

Do culto de Diónisos, das aventuras e trabalhos de herois e semideuses, Edipo, Fedra, Alcestes, Hercules, Prometeu, veiu a tragédia grega, exprimindo o conflito universal de forças e paixões.

Se a tragédia esquiliana é sempre o espectáculo de uma dôr inelutavel, se a Fatalidade esmaga e aniquila a pequenez do Homem, na *Figlia di Jorio,* a Paixão ergue-o acima de si mesmo, ao restituir-lhe a soberania ciclópica que a razão nele fôra extinguindo.

A Fatalidade, fonte das desgraças no mundo antigo, conduzia os infelizes á resignação; hoje, neste desabar dos idolos, farrapos de superstições já não podem livrar-nos do inferno do desespero.

Mais tormentosa e cruel é a tragédia moderna. Em luta com os deuses na terra olimpica da Ática, tendo por teatro o mundo, era glorioso ficar vencido.

Agora que o Olimpo foi escalado e os deuses se diluem no crepusculo, só ficou o Tártaro, fumegando vapores sulfúricos — a dôr irremediavel, sem resignação nem glória.

Prometeu partiu as cadeias, mas o abutre ficou dentro de ele e continua eternamente a espicaçar-lhe as entranhas.

As tragédias de Mimi Aguglia não herdaram o espírito grego de Sófocles, sereno e idealista, que é um triunfo sôbre a Fatalidade antiga — aquele espírito de harmonia que se lê nos fragmentos das estátuas e colunas, cada ano desenterradas pela faina das sementeiras, nas planicies da Beócia.

Tambem não palpita nelas a vída toda emotiva das personagens de Eurípedes: são verdadeiramente a repercussão da violenta severidade, o terror sem termo de aquele período nebuloso em que os deuses não se tinham ainda diferenciado dos homens.

A *Malia* e a *Figlia di Jorio* tinham de ser tragédias rústicas para serem grandes: *Aligi* alcança a estatura de Orestes e *Mila di Cola* ergue-se tam alta como Antígone na imensidade do sacrifício.

A grandeza vem-lhes daquele marulho de paixões na alma do povo, tão enternecida como feroz, em toda a intensidade dos instintos primitivos que tão facilmente acordam para rugir como vulcões de ódio.

O desinteresse, se o ha, na simplicidade da urdidura, compensa-o opulentamente a agitação apaixonada que nos traz sobresaltos de terror, até conseguir aqueles efeitos inverosimeis.

Mimi Aguglia que não tem cultura nem longa vida de palco, nasceu predestinada para a alta tragédia onde, mais que intérprete, é a vida-viva da dôr humana, uma voz humida de lágrimas, o sentimento feito som.

Nunca ninguem soube chorar mais gloriosamente.

A expressão da máscara, tão multiforme, aquelles gritos de morte que chegavam a suspender o pensamento, pedindo ao instinto da

bondade auxilio para a desgraça, o poder violento de reduzir o nosso ser a puro sentimento — artista algum o pode ter conseguido melhor do que esta estranha mulher.

E da vibração dolorosa que nas almas fica, mesmo longe, muito longe do teatro, qualquer ruido transforma-se num grito de coração a despedaçar-se.

Ontem ainda, depois da morte na *Dama das Camelias,* Mimi Aguglia recebeu a mais grandiosa manifestação que poderia ambicionar; tudo endoidecera dentro do teatro deante de aquela rapariga nervosa, símples e quasi igual aos deuses.

Chorava ela de comoção, no meio de nós todos, tristes de a ver partir em poucas horas, pela sua estrada de glória.

V

O Doutor Calisto

Morreu, coitado!

Parou na torre o relogio e o dia estava nevoento, tristonho, quando os sinos ulularam a notícia, doloridamente, como um suspiro de morte da Universidade toda.

Tremiam de frio os loireiros que enramavam de festa, numa primeira ironia, as escadas da Via-Latina.

Minerva, ao alto, reverdecia com lagrimas o musgo das faces, contorceram a sua algidez aquelas figuras do pàteo, paradas no infinito do tempo, de geração em geração.

Pela casaria do Paço, vagueavam naquela tarde tintas roxas enlutando de crepusculo as paredes, as capas pendiam longamente do aprumo dos ombros, sacudidos da triste nova.

Um archeiro velho contava um sonho: « Os sinos começaram a tocar por si, todas estas figuras, aquele anjo do telhado vieram descendo, decendo... As portas da capela apareceram abertas, uma nuvem cerrada começou a envolver os Santos que andavam suspensos, como doidos no ar, vestidos de capelos de todas as côres!

Sentiam-se gargalhadas que vinham não sei de onde, a Porta-Ferrea não era aqui, tinha-se mudado lá para o fundo e por ela iam saindo, uma a uma, devagar, estas estàtuas do portado, inteiras como estão.

Davam gritos de cortar a alma e quando passavam a soleira, faziam-se em nada, como fumo.

Os sinos tocavam sempre, a finados.

Nós estavamos aqui todos em linha, quietos, ninguem nos dava ordens, os pés parece que pregados na terra, as alabardas fizeram-se de chumbo, de um peso que não se podia suportar.

Linguas de fogueira apontavam às janelas, os lentes fugiram para a torre, espavoridos, e os estudantes, sem capas, corriam de lado para lado, não atinando com as portas para saír.

Abanavam as paredes, aquelas colunas batiam umas nas outras, aumentava o fumo, mal se via, aqui dentro...

Parecia que tudo vinha abaixo, a gente sem lhe poder acudir, naquela aflição de ver as estátuas a andar, aos gritos... Jesus!

Das bandas do cemiterio, voavam para aqui fantasmas negros, uma cavalgada nas nuvens, bandeiras agitando-se nas mãos de esqueletos, velhos lentes vinham na ronda, o Pascoal de Melo, o Pedro Penedo, o Florencio Feio, muitos professores de cânones que eu ainda conheci, frades de Teologia com capuzes...

Á volta da torre, todos passaram gemendo, como grandes corujas, quando está para morrer gente nas casas da vizinhança.

De vez em quando um grito se ouvia, o cavaleiro perdia-se no ar, desfeito na mesma nuvem que o trouxera.

Ainda um deles se ergueu mais alto, queria falar, mas ninguem podia ouvi-lo naquela confusão de fumo e alarido.

Aqui dentro, havia uma montanha de livros enormes, guardados por figuras, quando o fogo

se foi ateando, em toda a volta e já não se viam portas, nem telhados, nem estátuas.

Em poucos momentos, toda a Universidade era uma chama estralejante, até as paredes ardiam e só os sinos a tocar, a tocar, pareciam vozes de gente, gritos de socorro que do meio do incendio estavam a chamar.

Acordei então numa grande afronta: dobravam pelo doutor Calisto... Ah! Ah!... »

Parei lá dentro, não me diziam nada as paredes, escutando a narração do sonho do velho archeiro.

Ali ouvira eu tambem o *de profundis*...

Naquele momento, estava o Doutor Calisto entrando na côrte da Eternidade pela mão do Arcanjo San-Miguel, o Guerrilheiro...

Lembranças da sua vida acordam em mim que de tão longe o temia, desde a primeira mocidade do liceu.

E agora tenho pena dele!

Alevanta-se-me no espirito a visão dos cortejos, um aprumo de aço que fazia tremer as colunas, um vulto de professor que viveu na

consciencia da velha Universidade com a convicção e o amor entranhado duma longa dinastia de prelectores.

É verdade: os prelectores...

Todos emmudeceram já! Este era o único que tinha brilho, uma figura antiga, inconfundivelmente pessoal que enchia uma escola, excêntrica, mas nunca banal, com sua lenda de terror por esse país além.

Das lendas de Coimbra era ele que restava vivo, abencerragem dos tempos heroicos da Sciencia, erguido em mito, sôbre seis séculos de Letras.

Assim, como ele, imaginava eu os lentes todos, antes de vir para Coímbra.

Super-homens vivendo na dureza de um sonho e comprazendo-se nele, retraídos e desconfiados do progresso, desdenhando automoveis para cavalgarem mulas de aluguel, moralistas de màximas e principios, citando Epicteto e Séneca á família, criadores de incompreensivel e capazes de dizer com respeitosa naturalidade, no começo de uma prelecção: « Quando o senhor Rei Dom Dinis fundou êste Geral Estudo... »

Mas não! No meio de enfatuados e criaturinhas tortuosas, só havia o Calisto, tão velho e tão lúcido como sempre foi, corajoso, Hercules na mitologia de Coimbra, todo escrúpulo nas fórmulas e ritos que á Sciencia conferiam prestígio no seu intender.

O meu curso foi o último a quem ele deu conselhos e lembrou a superioridade inherente ao estudante de Coímbra, só porque o era, em confronto com os das outras escolas do Reino; o último curso a quem êle sacudiu vanglorias de sangue que a Universidade não reconhece nem respeita, com esta frase que na minha sensibilidade de caloiro se gravou para sempre:

« Aqui é o estabelecimento primacialmente livre do país: não se pergunta a ninguem de onde vem, pergunta-se-lhe para onde vai! »

Felizmente não deixou compendios de mil páginas, ninguem sabia se necessitava estudar para um mestre que regia a sua cadeira e quantas vagassem numa semana com tão natural sobrançaria e um á-vontade tão franco, que dava a ilusão de que todos os programas lhe

eram presentes no espirito. Era o lente iluminado, omnisciente, que eu sonhara, com o seu desdem por expositores e citações!

No meu primeiro tempo de Coímbra, ainda ele atravessava as ruas da Cumeada para a aula, vestido de talar, o gorro caído para as costas, esporas de prata, inflexivel como um prior-mór e via-se frequentemente armado de um bengalão nodoso nas ruas da Alta, por horas mortas.

O doutor Calisto, morto!

A todos nós que lhe detestavamos o feitio e o trato áspero, á Magistratura, á Advocacia, á Politica, a todos quantos ele ensinou os *direitos naturaes* e a *teoria organica,* ha-de entristecer a sua morte.

Era um lente! Não do último modêlo — scientista galante que vai ás salas namorar, feito de Brumel e Coelho da Rocha — o doutor Calisto pertencia por linha aos velhos espectros juridicos, já mortos na lembrança de hoje.

Diziam-lhe o nome as engomadeiras, sem o conhecer, alvoroçadas do respeito atávico de trinta gerações que o temeram.

Conservador o diziam, fiel á Dinastia reinante como um cartista romantico. Religioso era ele por dever, que os estatutos fôram escritos sob inspiração do Divino Espírito e na Universidade diziam-se missas de obrigação.

Naquele excêntrico que os colegas consideravam á parte e nós achavamos *curioso,* ao transpor o primeiro ano, perdeu a Universidade um paladino, que por ela daria a vida a sorrir, que entre todos teimava em cumprir e fazer cumprir velhas praxes, para levar ao espirito a ilusão de uma grandeza extinta.

As suas anecdotas, as suas frases voavam de provincia em provincia.

Pelos tribunais deixou a fama de invencivel; contam-se defesas habilidosas em que a penetração de espírito ainda excedia o dominio da sua oratoria.

Ultimamente só ele já tinha a sensibilidade das paredes, das salas, das fardas — era tudo uma construção ilusoria para morrer feliz.

Foi a sua voz tremula que em súplica aconselhava ao ultimo capêlo que fôsse fiel á Universidade, nossa Mãe...

Ele lhe disse tambem, em sinal de aliança e firmeza: tomai conta do anel... guardai-o por toda a vossa vida...

Nunca mais a sua murça doutoral lhe cobriu os ombros cansados.

Desde aquele dia entrara a morrer e a morrer com ele a Universidade.

Pobre Doutor Calisto!

Foi o último de quem a cidade pôde dizer, com a consternação de ha um século, quando os mestres se finavam pobremente, entre rumas de in-folios latinos:

— Morreu um Lente!

VI

As Engomadeiras

A minha engomadeira é uma mulher esperta, risonha e bem falante, com voz docemente cantada que torna a pronúncia de Coímbra a mais bela de Portugal.

Trabalha de manhã à noite, constantemente, e de tempos a tempos um novo filho se lhe vem dependurar do peito, a sorver-lhe a vida, já pobre de tanto desperdício.

Os pequenos, uns loiros, trigueiros outros, sem tipo de familia definido, revolteiam pelo chão, resmungando, enquanto ela trata da roupa sobreposta em trouxas.

Tão martirizada de desventura, de fome em tempo de férias que a levam à necessidade de recorrer ao último extremo do crédito — nunca

o desespero a colheu, sempre resignada á espera que outubro chegue...

E são assim quasi todas, confiadas à incerteza do amanhã, como as aves do ceu da parábola que não semeiam e colhem.

A uma ouvi eu dizer que lhe tinham lido a sina em pequena e tudo saíra certo: não havia mais remédio...

Faltava-lhe a freguesia, estava enrugada da má vida e da velhice, uma filha que tinha fugira ha sete meses para Lisboa e não tornou a saber parte de ela.

— Mas que admiração!, explicava a mulher, já eu deixei a minha mãe, mal tinha dezoito anos, por um estudante de medecina que prometeu levar-me para a terra e nunca mais voltou. Era o pai da Olívia, um chamado Taborda, sabe o senhor doutor?...

As engomadeiras vivem nos becos, ao rez do chão, com duas mesas de pinho avergadas de roupa lavada, cordeis a cruzarem-se em teia e uma ou duas cadeiras para que convidam simultaneamente quatro ou cinco fregueses.

Em geral, estas mulheres têm algum senso decorativo para dispôr com arte as mil insignificancias que podem haver à mão.

Aos cantos, em velhas prateleiras cobertas de rendas, ha sempre variedade de bujigangas, confecções de papel colorido, campainhas de barro, conchas, quadros e retratos e em testemunho de religiosismo, estampas vermelhas de vários santos, ao acaso.

De retratos é que a variedade é grande: longas dedicatórias servem de reclamo seguro à seriedade da casa.

— Olhe, quere ver o senhor doutor? — diz a insinuante criatura para um caloiro a quem pediu a roupa.

Este é do senhor Videira Lima, um de Leiria, muito bom rapazinho, sério e sossegado.

Nas costas de um retrato amarelado de fumo, o caloiro lê alto: « *Á minha saudosa engomadeira, esta recordação dos tempos de Coimbra* ».

E a boa mulher chora em silencio, ao ouvir as palavras do Videira Lima, alto, loiro, muito bem penteado, que passou os cinco anos com

regularidade metódica e só a deixava para abalar para as provincias na tuna, com um bandolim enfeitado de muitas fitas, pelo romantismo de burguesinhas pobres, em sucessivas expedições de harmonia e prazer.

Deixou-lhe aquela *recordação* e nunca mais quís tornar. É assim o seu fado.

Colecções de retratos, nem todas conseguem reùnì-las, porque ha amantes tão deshumanos e desvairados de ciume que as obrigam a rasgar à sua vista, na primeira semana, uma longa dinastia de antecessores...

Quando tal crueldade lhe põe à prova um amor quasi feito em cinza — muitas vezes se têm visto chorar, às ocultas do tirano, sôbre as migalhas lustrosas da fotografia de algum predilecto.

Outros, menos amorudos e mais do seu tempo, até se divertem olhando de retrato em retrato, a atitude que *eles* escolheram para se gravarem eternamente no coração amigo, e de um sei eu que foi encontrar jubilosamente entre o espolio miseravel da mãe da engomadeira, o retrato de formatura de seu pai.

— ... E não tinha dedicatória, esclarecia-me ele, escrupulosamente.

Quando vêm aos sábados trazer a roupa, as engomadeiras passam deante das nossas serventes com tão casta gravidade que di-las-hiamos inocentes de pecados de amor...

Grossos chales franjados, muito lavadas e seriazinhas, conseguiriam iludir a desconfiança das velhotas se elas não tivessem já percorrido o mesmo ciclo de fatalidade.

Nisto de aparencias, tem particular habilidade a mulher de Coímbra — sabe dissimular finamente.

Não o fingimento pérfido e hipocrita que torna a mulher repulsiva, é um delgado biombo de pureza que ela ergue para esconder fragilidades de uma vida pouco honesta, Deus lhe perdôe.

Ha assim dezenas de humildes mulheres, cheias de boas qualidades, de entre as quais saíram em tempos que jà là vão, muitas avós de rapazes de agora que levadas para a provincia, là dignificaram a escolha do coração impulsivo de senhores e fidalgos ruraes.

A engomadeira é sempre pacientemente atenciosa e dos desleixos sabe desculpar-se com tal arte, que não fica motivo para levar a cabo ameaças de vingança.

Desde que no coração das raparigas entraram algarismos, elas são as únicas mulheres que em Coímbra se matam por amor.

Da minha memória nunca se apagará o enterro da Aurora — um caixão branco saindo da Sé Nova a caminho do *Pio,* seguido de algumas criancitas e duas velhas da vizinhança, por uma tarde luminosa de Maio.

E que linda era, a pobre rapariga! Fôram por ela as primeiras lagrimas de coração dum bom companheiro de casa que tive.

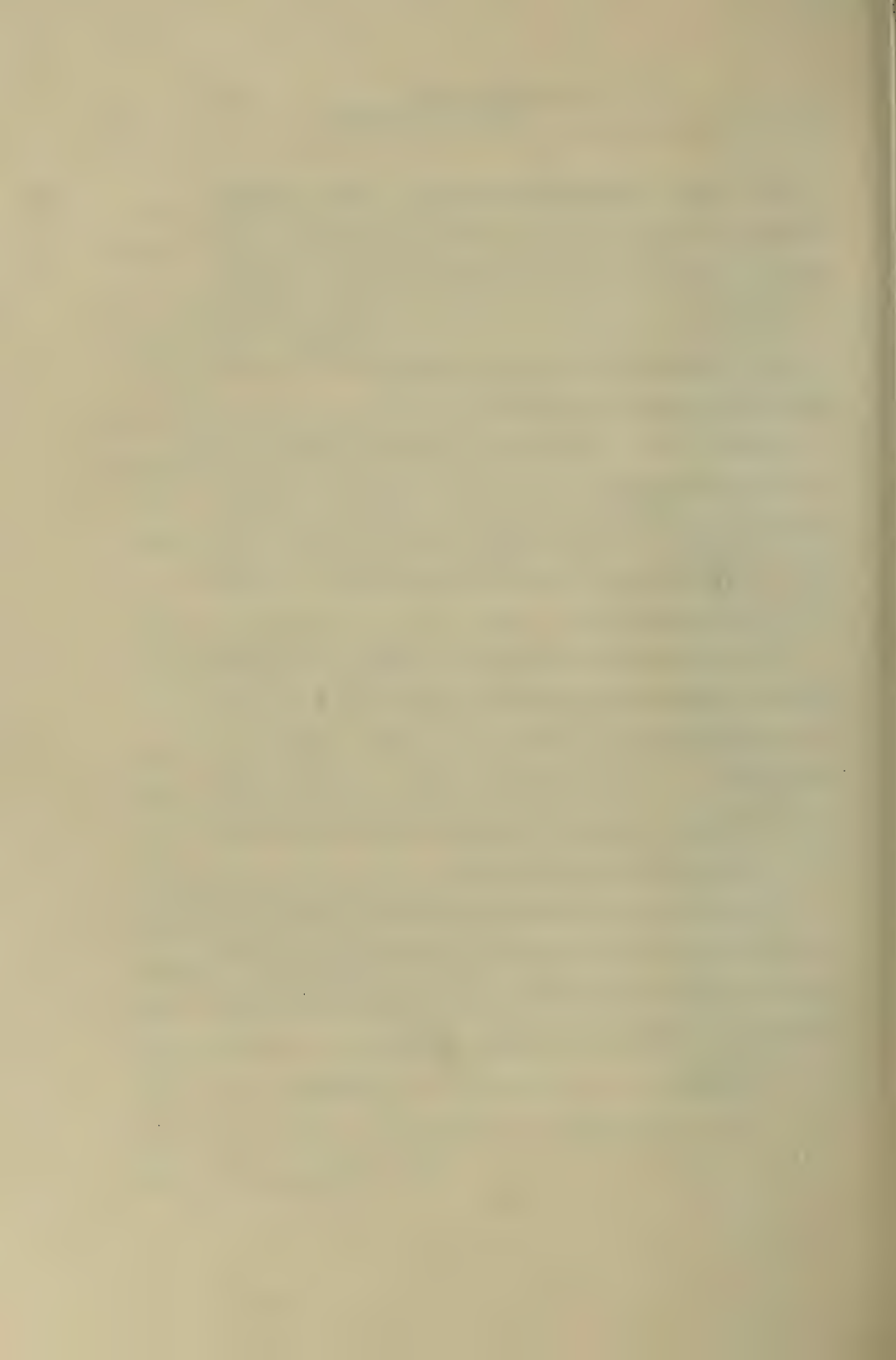
A engomadeira tem naturalmente a mesma facilidade em esquecer os que partiram bacharelados, como em se relacionar com os que chegam. Daqueles, uma lembrança a esfumar-se pelos anos fóra, permanecendo vivo apenas algum traço de bondade para contarem cem vezes aos vizinhos ou parentes que venham, ou algum motivo de queixa que a sua discreção sabe evitar polidamente.

De boas administradoras têm fama: contam delas prodígios, certos rapazes que lhes entregam a mesada, como no mais harmonico *ménage*. E chega para tudo — vão ao teatro juntos, comer sempre certo e a horas, melhor e mais apurada roupa, um achado!

Desde que a tricana se aristocratizou, é só na engomadeira que se pode encontrar alguma coisa do espírito hospitaleiro da velha Coímbra do Bairro Alto, outróra quasi todo académico pelo sangue.

Ás engomadeiras se vão colher novidades, saber escandalos amorosos, más notas de aula e experimentar o horror de ouvir discutir a republica e o franquísmo, ante os seus olhos ingénuos de quem vive contente sem pensar em taes coisas um minuto.

Quando chove, depois de jantar, gosto de ir sentar-me na única cadeira devoluta da minha engomadeira, a ouvir-lhe em duas horas ociosas, histórias tristes e lições da vida.

Coitada!

PRIMAVERA

Lá surge o Sol, a esvoaçar ansiosamente.

Na linha d'agua quasi em fio, enquanto aves passam a lidar, as lavadeiras no Rio estão lavando e cantando:

« Velhas maguas tombam como folhas de outono, as nódoas da roupa lá vão... »

« Agua clara leva o Rio, as cambraias e o linho são neve no areal; o Rio lava a roupa, as penas e as maguas ficam onde estão. »

Como um viajante morto de fadiga, a agua remansa, pára... e escuta a voz de uma linda rapariga a cantar.

Enquanto ela canta, vai-lhe a mãe chorando a sina — não tem outra herança para lhe deixar...

Bate roupa, bate roupa, espuma na pedra o sabão; num incendio arde o Sol sobre elas, a envolve-las, curvadas a decifrar misterios de luz na agua-corrente.

Como Helena em Troia, uma velha vê ao espelho a ruina do seu rosto: lagrimas enchem-lhe as rugas, chovem no Rio gotas de dor que a corrente sorve, uma a uma, sem cessar.

Choram aves entre flôres, vozes no ceu voando, musica de grilos no relvado, e as lavadeiras, trigueiras, no fio d'agua do Rio, lavando, lavando...

Passam moleiros ao Sol — kif! kif!, por entre os choupos, atrás da fila dos jumentos carregados, a caminho do moinho.

Carros correndo, vão enrolando a poeira da estrada, ruflam na ponte — rom, rom, rom —

e as lavadeiras lavam, lavam sem reparar, como mulheres de má vida, arrependidas, a fazer penitencia aos pés de um altar:

« Ó Rio de aguas claras que vaes para o Mar; leva as minhas lágrimas, vai devagar... »

« Devagar, quero esquecer-me devagar. »

« As minhas dores, deixa-mas gozar... »

« O Rio lava a roupa, o linho e a cambraia, mas o Rio não lava, nunca lava as penas do coração... »

Sol a pino. Quando os pobres se sentam a jantar, se alguem olha para o Rio, lá verá sempre as lavadeiras, a lavar, a lavar...

No berço choram meninos com vontade de mamar: para lhes enganar a fome, as tristes

mães põem-se a cantar, mas choram lágrimas de sangue dentro do coração.

Hora de sesta, Sol em brasa, Aguia de fogo cravando as unhas na Terra; fugiram jornaleiros para casa, escaldam as areias na face e como criminosos penando, as lavadeiras, lavando, lavando, lavando...

Os barqueiros abordam os barcos aos salgueiros e dormem à sombra, tranquilamente; ondulam clarões na folhagem, passa um perfume erradio; na areia, exausto, gota a gota, expira o Rio, ai! dos barqueiros, sem acordar! Já não podem navegar.

Nem uma asa no ceu; o choupal emmudeceu todo, parou a vida em redor e só elas, esquecidas, não sentem o ardor do Sol a queimar a areia, sempre lavando, lavando...

« Amores tivemos na terra, murcharam com a mocidade; filhas que nos nasceram, tristes na orfandade, seguiram de olhos fechados o caminho da perdição; egual sorte as fadou, herdaram nossos pecados... »

Vai descendo agora a galera roxa; ressuscitam sombras, arvores inclinam-se a dormir na treva; recolhe-se tudo dentro da noite, avançando, e as lavadeiras ainda e sempre lavando, lavando...

Dobram nas tôrres pelo dia morto.

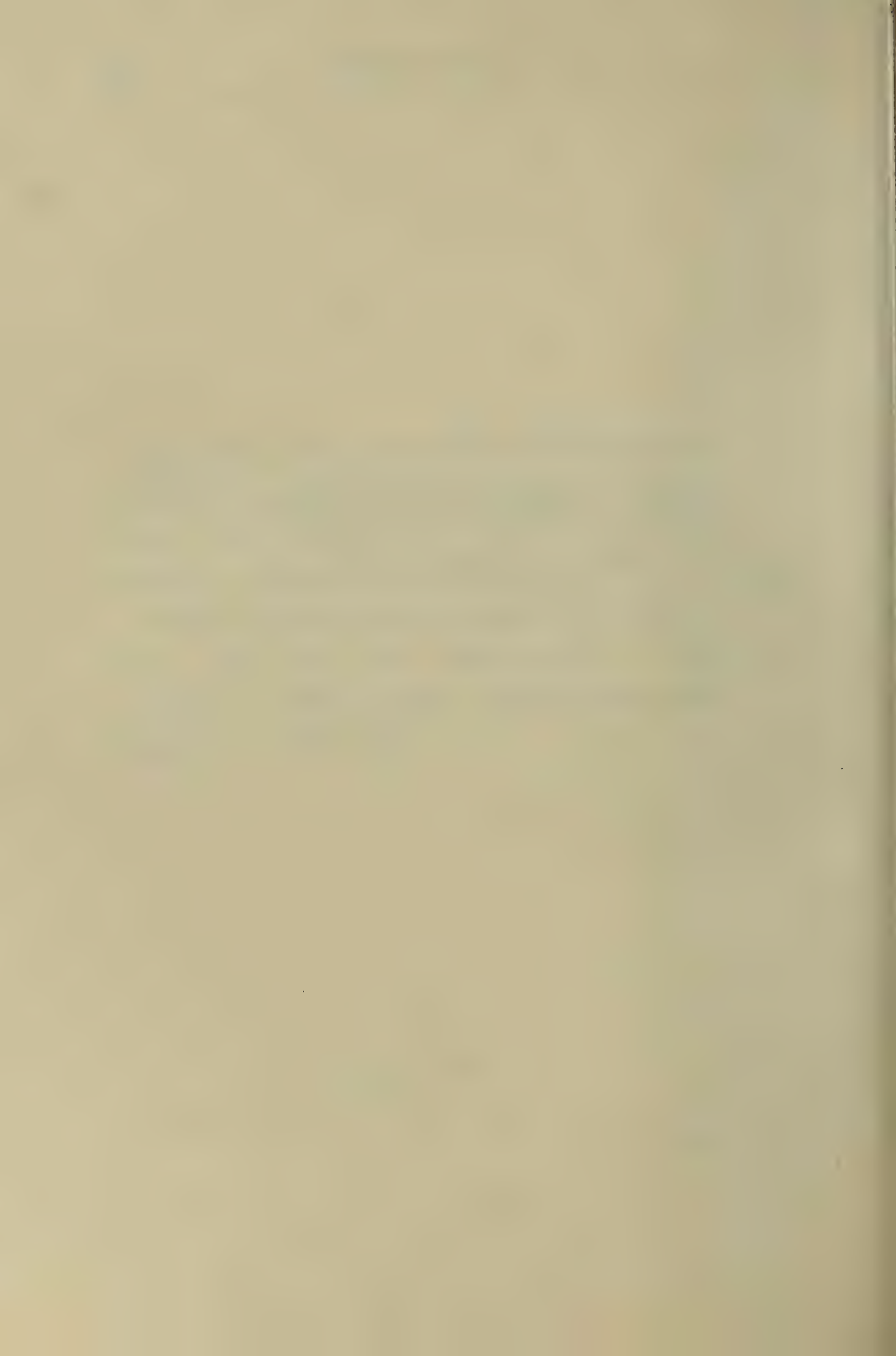
Ave-Maria! Que a graça celeste abençôe este dia de trabalho e resignação! Musicas dos algares, acordai; estrelas, flôres de luz, desabrochai para gloria de esta noite de festa!

Suspiram ralos e vermes no lodo da terra, suspiram... suspiram... Mães com filhos, dentro dos ninhos, mais e mais se uniram, pipilando, à espera do amanhecer.

Saltam rãs, folgando, nos juncaes — que não lavem mais, que não lavem mais, e elas, tomando os alvos cestos, voltam para casa, chorando e cantando...

I

Carta a Alexandre Herculano

Para os Campos Elíseos

Amigo:

Agora que se dissolveu no ar o ultimo eco do foguetorio que aqui te festejou, lembrei-me de te contar serenamente como os meus contemporaneos e nossos compatriotas apoteosearam a tua memoria de escritor centenariado.

Pensou-se com alvoroço num cortejo de triunfo e um cortejo se pôs a caminhar de rua em rua.

Muitos meninos das escolas, com sorrisos inocentes, todas as associações operarias de Coimbra, agrupadas á volta das suas bandeiras, te honraram singelamente, precedendo um carro alegorico onde uma figura branca, feita de serapilheira caiada, de asas num molho, parada

de expressão, estendia sobre um busto uma corôa de papelinhos de rótulos de botica para te glorificar. Sabes quem era? Era a Patria.

O busto que tanto podia ser um Ramsés egípcio como um burguês constitucional de Vinte — eras tu, Herculano, amarfanhado numa gloria de lona barata!

Nem a inspiração já era original — e foi Antonio A. Gonçalves quem a deu! — porque deve ser uma adaptação da escultura do mausoleu de Pacheco, no Alto de San João, onde como se sabe, foi erguida a figura de *Portugal chorando o genio.*

O carro era tirado por duas parelhas, arreadas á espanhola como a caminho de uma tourada, guisalhando estridentemente pelas calçadas, a corôa tombou logo ao principio e os papelinhos voavam, borboleteando para o incerto.

A briosa Academia, cujo civismo é enorme, mal soube dos feriados que a benemerita commissão angariou em Lisboa, abalou risonha para as terras a ver os namoros, mostrando-se amplamente sincera.

Bem lhe bastava o trabalho que já tivera a decorar os titulos das tuas obras para um excasso exame do 7.º ano!

O cortejo eram quasi só operarios e algum elemento oficial, pouco, que parou em frente de uma lapide pobre na rua do teu nome, para ouvir algumas burocráticas palavras do presidente da camara.

Enquanto existir a aliança da Igreja com o Estado, tu tens alma oficialmente, e da tua alma (ácêrca de cujo destino os teologos não estão de acordo, por causa das polemicas e daquilo que o Eurico disse á Hermengarda) não se esqueceram os rapazes, pedindo ao sr. Bispo-Conde que celebrasse uma missa pelo teu repouso.

O ilustre Prelado acedeu e quando se voltou para louvar a Academia e dizer-lhe que em nome da Igreja, estava a seu lado na glorificação do grande português que tu foste, não a encontrou, mesmo em reduzida assistencia.

Um dos numeros mais finamente intelectuaes das tuas festas eram os jogos floraes para que, dizia-se em segredo, andavam produzindo *eter-*

nos carmes em tua honra, os mais esperançosos vates do Mondego, colhendo nova inspiração, deante da taça que el-rei oferecera para premio, exposta ha tres semanas na vitrina do França Amado.

Havia um juri que não chegou a julgar nada e dos membros dele apenas surgiu o romancista Abel Botelho — não sei se é do teu tempo — cujas conferencias, em seu heroico isolamento, muito te honraram, segundo me constou.

O teu busto queria esta geração oferecel-o á Biblioteca para perpetuar a homenagem — eram as suas palavras de justificação.

Mas quando o director te descobriu a cara e te viu figurado em gêsso, fechou as portas ao busto num zangado gesto de defesa e tu não estás na Biblioteca da Universidade, simplesmente porque — eras de gêsso.

Enquanto tudo ia correndo e a cidade se iluminava a sete côres, em belos cachos de luz, tocavam loucamente as ferrugentas filarmonicas dos arredores um reportorio de musicas espanholas.

E agora me lembro de te informar de que a vizinha Hespanha vibrou talvez ainda mais que a nossa patria: de lá veiu com um vagão de obras atraz de si, um sociologo, sujeito que os nossos mestres nunca citaram, a prégar contra o clericalismo e a reacção, e isto, é claro, em espanhol, como variante.

No Teatro-Circo houve uma memoravel sessão de escandalo, cuja assistencia formou em duas legiões adversas, e ninguem já se lembrava de ti, porque todo o clamor era por causa de Ferrer e da verdade por que ele foi morto em Montjuich.

Quero ainda levar ao teu conhecimento que uma notavel revista hespanhola, *Nuevo Mundo,* de 21 de abril, teve o impudor de estampar o teu retrato austero, entre os de dois filisteus, que, na verdade, bastante trabalharam para o teu centenario e gloria propria.

Nesses dias toda a gente jantou *pasteis-Herculano,* que uma casa da Baixa inventou em honra da comisão, e pelas ruas os garotos das cautelas distribuiam, quasi á força, uns papeluchos em que certo restaurante de Lisboa

convidava os estudantes a comerem em sua casa um novo prato — *bacalhau-Alexandre Herculano!*

E tirando algumas centenas de almas sinceras que te admiram, crê, Amigo, que o teu centenario foi por toda a parte uma tristeza e uma miseria.

Desde uma soporifera sessão na Academia Rial das Sciencias, deante do corpo diplomático, até ás conferencias da Academia de Coimbra em Condeixa e na Figueira da Foz, onde um rapaz *moderno* te comparou como historiador ao Sherlock-Holmes e como polemista ao Raku — quasi todas essas arengas de retorica foram peores que nada, porque se reduziram a declamações banais, sem pontos de vista criticos que auxiliassem a compreender-te dentro e fóra da tua obra.

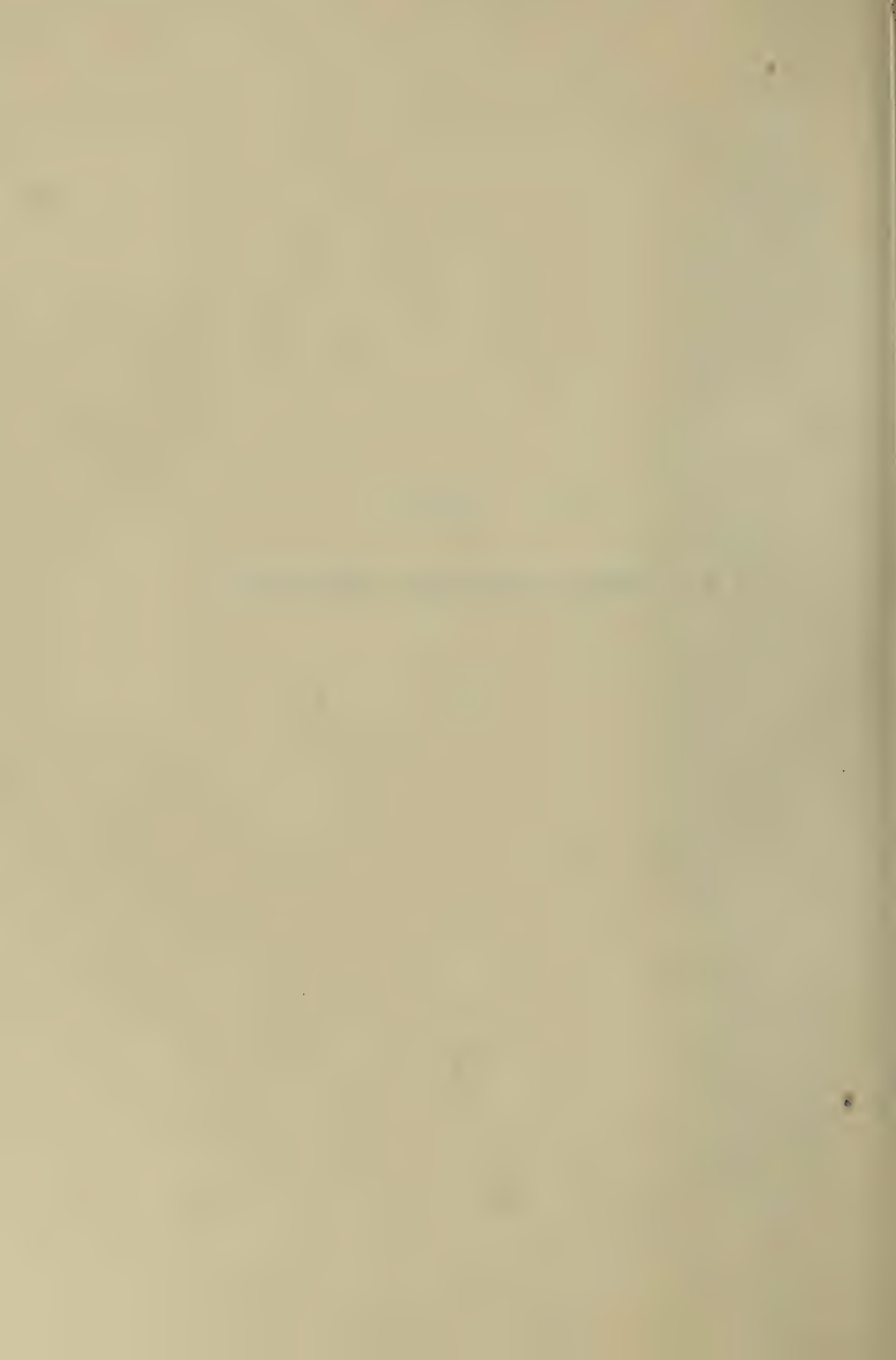
E como a politica vai acesa e cada vez mais desacreditada, todos te reclamam com egual furia, os monarquistas porque foste monarquico e te bateste pela Carta, os republicanos porque eras um caracter e estarias agora com eles, não sei mais porquê.

Os nossos mestres daqui, que aprenderam contigo a estrutura das instituições politico-sociaes da Hespanha antiga e a constituição da nacionalidade, abandonaram-te as festas completamente e ainda hoje se ignora o motivo.

Ninguem pensou em ensinar simplesmente ao povo quem tu fôste, ninguem compreendeu que o dinheiro dos foguetes e outras insignificancias caras, bastaria para editar por menos do preço do papel, alguns dos teus melhores livros.

E eu que fui dos que logo em principio aplaudiram o teu centenario e sinto a triste desilusão do que isto foi, entendo prestar homenagem á justiça procurando alcançar que no calendario, em satisfação de tantos ultrajes, sejas inscrito — Santo Alexandre Herculano.

II

Sobre o namôro coimbrão

Meu ilustre amigo:

O seu amavel convite penhorou-me extranhamente. Decerto que um artigo para a sua excelente *Revista* ácerca deste assunto banal do namôro nesta terra, onde dizem que melhor e mais finamente se ama, devia ser um apetite para os seus leitores.

Sómente o meu amigo cometeu o grave erro da escolha da competencia e feriu de morte o seu proposito. Incorreu no que em linguagem juridica (que perdoará a um aprendiz de leis) se chama a *incompetencia em razão das pessoas*, dirigindo-se a mim, que até sou acusado pelos meus camaradas de ser amador de coisas velhas e quanto ha de menos amorudo e mundano nesta adoravel e pacata cidade.

Tive uma grande surpresa quando li a sua carta e não menos desejo de corresponder á sua penhorante confiança, até hoje que tristemente me desenganei de que era impossivel satisfazer-lhe o interesse.

Porque, se á falta de experiencia pessoal, aliás nunca demasiada, me lanço no campo da observação, o que eu consigo recolher é por tal maneira fragmentado e incaracteristico já, que dêsses elementos nem por um grande esforço é possivel reconstituir agora o aspecto local do namôro.

Depois, a sua carta, falando-me de « *casos de aventura que se projectam cada ano na lenda* », deixa-me supôr que para o meu Amigo, Coimbra continúa sendo a terra dos *bardos do Trovador*. Santo Deus!

Tirando um ou outro provinciano, que traz do liceu o romantismo da capa e da solidariedade academica, que entra na tuna e deixa crescer o cabelo encaracolado, que paga pontualmente as quotas numa sociedade recreativa da Baixa, o Ginásio, onde recíta a *Lagrima*, a pedido de D. Carlota — os rapazes

vêm quasi todos gelados de positivismo, de olhos postos no el-dorado dum casamento metálico que na terra os espera, após o grau.

Esse namôro vulcanico, de juras eternas, *quando a lua campeia nas alturas* que o meu Amigo queria vêr tratado como documento psicologico duma população escolar, já não existe hoje ou é rarissimo, uma sobrevivencia apenas.

E não ha nada por que eu tenha maior respeito do que por esses druidas duma ritologia amorosa, se alguma vez os diviso nas velhas ruas dos Palacios Confusos, no regresso a casa, á noite.

Noutro tempo, conta-se, o estudante de Coimbra tinha sempre a *sua amada* e o namôro era havido por tão necessario como uma gravata e mesmo tanto ou mais que as gravatas de seu uso.

Hoje namora-se pouco e cada vez peor, porque é cada vez mais dificil fingir de parte a parte: a mulher não se ama, admira-se, aprecia-se em certos dias de festa, quando passa gloriosa de si mesma. Isto dizem os rapazes

de vinte anos que por aqui arrastam o seu scepticismo.

Os antigos impulsos de coração são agora calculos de juros simples; toda a gente sabe a *taboada do amor*, cujas operações já entraram tambem nos habitos do espirito feminino.

Das filas de capas que a piedosa elegancia de Coimbra atravessa á saída das novenas, nem uma destaca a seguir-lhe os passos.

Quem pise corações — não ha, felizmente.

Em geral o rapaz é triste e pensabundo e procura, quanto póde, o meio de encurtar o passo que vai do grau á conservatoria.

As coisas passam-se deste modo na multidão escolar que não vai aos bailes do Gremio onde entram lentes, nem conhece as *familias finas* da terra.

Para o resto, uma selecção elegante, ha o *flirt* do *tennis*, continuado em tardes amenas na Alameda do Jardim, recentemente transformada em mostruario de meninas matrimoniaveis.

Cada dia que appareço por lá, reconheço que alguma coisa ganham as minhas predilecções de raridades preciosas da especie.

Se um perfil dôce passa a remoer um inglês australiano para ocultar hipoteticas tolices na lingua materna, se uma devota que não perde missa nem conferencia, fala da proxima peregrinação a Lourdes — vai agora atravessando um circulo de suspeita certa jovem aveludada, olhos de onix, que tem fama de livre-pensadora, ás ocultas da familia. Credo!

E quanto desfila aos olhos de rapazes em fatos de praia, sejam chapeus atrevidamente largos, verdadeiros jardins suspensos, ou vestidos do ultimo córte parisiense a atiçar a inveja burguesa de meninas muita gordas e vagarosas — tudo tem o mesmo ar vencido e tristonho de quem não acha o que deseja.

Frente a frente, *eles* e *elas*, mas tão separados pelo biombo dos interesses que os olhares têm a indiferença cansada de quem fita em conjunto uma galeria de estatuas e não chega a preferir nenhuma.

E é pena, meu Amigo, porque ainda ali aparecem, cruzando-se naquele rectangulo, algumas adoraveis filhas de Eva que recomendo ao seu bom gosto: uma alta, de chapeu obliquo,

que detesta cordealmente os « *esotherikos* », grupo de pretenciosos que para aí andam a apregoar superioridade, ou certa mulher loura e forte que teria a realeza do espirito, ainda que por cá houvesse muito.

De um grupo todo florido e branco, emergem ao lusco-fusco dois rostos lacteos de moços, lambidos das fadas quando dormem, e vendo-os, havia de assaltal-o a duvida de que eles fôssem simples ornatos de chapeu.

Risos abafados, discussões altas sobre marcas de automoveis e seu respectivo andamento, a mais parda sensaboria entretem esta mocidade que já nem se sabe beijar...

Dali a uma hora está a companhia desfeita e nem a mais leve lembrança perturba o calculo do *bridge*, no Centro Monarquico, noite alta.

Amor — nem raça.

A arte de ser feliz, como diziam conceitos antigos, está na maior decadencia e mal se lhe poderá acudir. Em si confio por ultimo: faça um inquerito ao estado dos corações e aconselhe depois o remedio, se puder.

Aqui é completa a bancarrota.

O que sinceramente deploro é que a sua *Revista* não possa arquivar, e assignado por mim, com a maior imparcialidade, esse estudo sobre o namôro de Coimbra que a sua amizade com tão iludida confiança me pediu.

III

O Polonio

Numa papelaria da Baixa vende-se permanentemente um bilhete postal ilustrado com a figura risonha dêste velho estudante da Universidade.

Ha poucos dias ainda que eu lhe dera pela falta em Coimbra e senti uma desconsoladora impressão quando recebi a noticia de que ele se formara casualmente o ano passado e partira cheio de esperanças, a começar por fim a vida pratica...

Não venho apresentar-lhes o Diogo Polonio a quem o postal que o leva para a imortalidade chama « celebre », numa curta e elucidativa legenda — quero apenas anunciar aos seus numerosos condiscipulos e amigos que já sôbre a sua cabeça encanecida pelos anos de

estudo, desceu a borla dum lente a dar-lhe o grau, em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

E este facto da formatura do Polonio, veterano e condiscipulo de todas as gerações no periodo constitucional, avulta entre aqueles que meus olhos hão visto no transcorrer agitado de seis anos de Coimbra.

Santo Deus! É lá possivel que tu, Polonio amigo, arrancasses a Minerva as merecidas cartas e te abalasses para a vida, a fazer-te homem sério, talvez delegado ou notario, com sobrecasaca e tudo!

Porque tu eras o eterno decano, fatal em cada outubro, vindo lá de Nellas por essa Beira tranquila, porque nós todos que chegavamos, trazendo-te abraços dos nossos juizes, já cheios de filhos por lá, costumavamos partir, deixando-te sempre no mesmo ano, com a lembrança vaga de nos termos cruzado contigo em finanças ou civil.

Agora estou eu aqui a afirmar cheio de magua, que tu te formaste e ninguem me crê, como se falasse na quadratura do circulo

ou em qualquer impossivel mais importuno ainda.

Porque mal imaginas, Amigo: a gente que te via tratar de tu com conselheiros do Supremo, que te podia perguntar se o Eça fumava, quando por cà andou ou que tal era a « Rachel » com quem João de Deus tam amarguradamente chorou — não te compreendiamos exercendo outra profissão, juravamos que jámais abandonarias Coimbra até á morte.

Bem te lembras ainda, decerto: os lentes que todos foram teus caloiros, intendiam que era praxe reprovar-te e varias vezes cuidaste generosamente que algum condiscipulo fôra vitima da troca dos nomes...

Tu, vingadoramente, festejavas os « chumbos » como os outros as aprovações, não fôsse alguem supôr que os actos te eram mais que pretexto para andar de capa todo o ano. E sempre assim fôste — filósofo.

Abalavas com as tunas, sorvendo o romantismo em burgos de provincia ou entrando por Espanha anualmente, para importares suspiros

e madeixas de Ramona, a finar-se de saudades por ti, já então respeitavel chefe de familia.

Nós cuidavamos-te eterno como as estatuas da Porta-Ferrea, uma especie de Fauno que os velhos deuses encarregassem de habitar solenemente estas ruas e estes logares.

Conta-nos a tua vida, dize-nos para onde levaste um baú de retratos com abraços de quintanista que devias ter e promete-nos que has-de tornar!

Fazes falta, Coimbra inteira te reclama para si, fervorosamente.

Ha tres anos apontava-te eu a um conhecido que se formara para que ele te admirasse o carinho e solicitude com que esperaste pelos filhos até seres seu condiscipulo, quando ele me respondeu, abrindo para ti os braços:

— O Polonio! já cá andava no meu tempo!

Vê tu, meu velho, que alegrias sãs e que feliz camaradagem em ti encontrara aquele bacharel teu condiscipulo, para me dizer que se sentia mais novo trinta anos e até aliviado da mulher e de seis filhas que tinha!

E quando tu, sorrindo de alto, do nosso entusiasmo quasi infantil, ao ver uma tricana de passo meudo e olhos liquidos — dizias saudosamente, lá do fundo: — Se vocês tivessem conhecido a mãe!...

Em verdade partiste (e ainda mal!), talvez para levares o grau, dos ultimos graus que em nome de altos poderes sagravam e iluminavam a nossa sciencia, mas ficaste conosco e para sempre, mais duradoiramente que numa estatua, mais decentemente que na consagração de um centenario...

O postal, Polonio, é a gloria, a baixo preço, sim, mas por isso gloria mais universal e eficaz.

Com dois tostões apresentas-te nas cinco partes do mundo, voas, percorres mares e subirias até aos planetas, se para lá já houvesse o progresso do correio, levando com a tua cara de bondade as insignias da trupe, como se a San Francisco de Assis entalassem no cordão do hábito um punhal de Toledo!

Sim, porque essa trilogia classicamente agressiva — moca, tesoira e colher — só podes

ostenta-la com o fim de explicares o seu manejo, nos tempos longinquos em que aqui chegaste, sobre uma albarda sebenta, guiado por um arrieiro preguento, quando não havia electricos, nem gaz, nem talvez câmara.

Mas volta para nós, Polonio amigo! Já que exgotaste o Direïto, matricula-te no resto de Teologia que haja, traze os filhos e os netos, meu patriarca, e repoisa aqui os poucos anos que ainda te vão até á morte!

IV

O Cavaleiro da Saudade

Aqui começa a historia de certo moço poeta e namorado que no abrir de uma aurora de Maio se partiu sózinho para a guerra, andando por desvairadas partes, e ainda agora não tornou á vida de seus Paços.

Era ele entre todos os da companhia, o mais formoso, de mui alta linhagem e de mais fidalgas maneiras que aqui fôra visto.

Conhecia e muito amava a arte da guerra, era lido e versado nos livros de cavalaria, bom monteiro, e tomava prazer em se exercitar no jogo das canas, em torneios e outras boas manhas que a seu estado e condição convinham.

Aqueles todos que o viram crescer um esforço e lialdade (que sempre estas virtudes

nele andaram a par), aprendiam seus exemplos e neles tomavam confiança para cobrar animo no caso adverso e mover suas vontades.

Sendo ele assim em dotes de corpo, mui dextro, como vos digo, os dons de espirito não lhe minguavam com os quais a Nosso Senhor aprouve favorecer sua natureza mortal.

Era de seu natural risonho, bem assombrado, trovava com mèstria cantigas e vilancetes, brilhando tanto por letras, como por armas seus antepassados brilharam no tempo da conquista.

E por todas estas razões, era mui prezado e honrado por donas e donzelas, assim na cidade como no termo, onde sempre fôra bem-aparecido.

Nos saraus maiores e de mais escolhido ajuntamento, sempre o porte da sua figura a todos sobresaía e as donzelas se namoravam dele, querendo-o muito para amante e esposo.

Cada uma porfiava em levar ás outras vantagens com vestidos e adornos de rendas e lavrados, para os olhos do moço cativarem e por eles ganhar-lhe tambem o coração.

Se acontecia demorar a vista sôbre alguma destas donzelas, as outras se consumíam de inveja e ciume, logo o sono se lhes alterava de noite, a febre queimava-lhes o sangue, que ele era o mais esbelto e animoso mancebo para matar desejos do coração.

E tanto mais ele era amado secretamente que lhes ouviam dizer, como bom cristão e fiel observante da doutrina da Igreja, que o casamento Nosso Senhor Jesus Cristo o ordenara para os homens melhor viverem em estado de salvação.

Aguardando todos por mui grande espaço a decisão que tomaria, anos se passaram sem que o amor nele vencesse habitos e ocupações preferidas, aparecendo de noite aos viandantes medrosos e recolhendo em seus Paços moças transviadas, depois de as defender de traições e maus encontros.

Assim fôra ganhando fama de valente e bom cavaleiro, dando ao uso das boas letras e ao serviço da honra, o tempo que lhe sobrava do oratorio que por devoção e piedade para com a Virgem da Esperança, conservava em seus Paços.

Por mercê regia e em recompensa de tais serviços, este escolar vivia a salvo daquela regra dos Estatutos da Universidade que defende aos moços fidalgos que pretendem graduar-se, viverem á lei da nobreza, com cavalos e criados e só ele tinha privilegio de andar em bestas muares com freio e sela.

Uma noite de folgar, quando no Paço das Escolas se festejavam os escolares mais distintos por suas letras e dignos de serem premiados (que o fôram em o dia de Santa Padroeira do Reino, a 8 de Dezembro), segundo é condição da gente moça, os seus pensamentos subiram alto para uma donzela não assaz formosa, mas de robusta compleição e boa saude do corpo.

E como as inclinações dos homens pela vontade de Deus são regidas, o honrado moço foi empós o impulso de seu animo e determinou logo, com discrição e compostura, servir de amores a donzela, cujos encantos e graças mais podiam nele para o prender do que podia a resistencia dos pais e parentes para o repelir.

Conhecendo estes propositos adversos, como filha obediente, andava triste e abatida e dentro do seu peito guardava a lembrança daquele encontro, rogando muito a Deus e á Virgem sua Madre, por sua mercê lhe dessem para esposo aquele que o coração escolhera na dita noite do sarau.

E havendo noticias um do outro por pessoas discretas, iam andando pelo tempo, á espera da boa hora em que se unissem no altar, fortalecendo-se um na esperança certa do outro.

Como os homens se tinham rebelado e mostrado mui crueis e quasi tiranos, as partes do Norte todas se alevantaram em guerra, erguendo pendões contrarios numa porfia encarniçada, com muitos sacrificios de vidas e fazenda.

Logo o espirito se lhe alterou e nunca mais deixou de considerar no que importava a sua honra e serviço de El-Rei, desde que em sonhos lhe apareceu o Arcanjo San-Miguel, defensor da Igreja, tocando uma trombeta, e só porque esse sonho amava, ele lhe saiu verdadeiro.

Então, cuidando ser a voz de Deus que a seu serviço o chamava, meteu-se a caminho, trocando a loba e o manteu de escolar, pelo arcabuz e escudo de suas armas, no trato e perigos da guerra.

Para os arraiais ía com a sua fè e o seu brio, esperando morte ou gloria ao fim da peleja, sempre lembrado daquela letra de Gil Vicente que assim diz:

Que na guerra com razão,
Anda Deus por capitão.

Nem pediu conselhos de amigos nem parentes que na terra tinha muito caros, e da vista de todos se sumiu de subito, sem a ninguem sua tenção querer descobrir.

Já ele muito longe andava pelejando, quando os mais da campanha houveram conhecimento da sua abalada, e tanto desprazer houveram disso, que a seus Paços logo forem todos, muito doídos de coração, a saber novas dele por seus escudeiros que ficaram.

Todos já tinham partido em demanda de seu amo e senhor e como na primeira manhã, só

ali ouviram em resposta os suspiros e lamentações com muitas lagrimas, de uma velha aia que de pequenino o criara como mãe.

Não havia alegria na mesa, já os craveiros antigos de que ele mesmo cuidava, morriam de sêde na varanda mais alta dos Paços de onde muito bem se avistavam os campos do Rio Mondego.

Dentro do seu aposento e livraria ninguem mais entrou, nem podia mais penetrar o sol de Deus que por sua bondade todos os dias lhe mandava para o alegrar.

E todas as coisas que ele amara e prezara, enquanto fóra de tais cuidados viveu, eram tristes da partida.

Pregoadas eram as guerras havia mais de ano e dia; novas suas não nas mandava, em que partes andaria?

Dali se fôram ainda mais cuidosos e tristes do que dantes, com os corações batendo em presagios negros.

Sabendo que ele corria gran perigo, a donzela enfadou-se da tardança e não mais curou de saber novas do namorado mancebo que tão

longe pelejava por Deus, pelo Rei e por honra dela que ficara.

Enquanto lá no acampamento, a lembrança da firmeza que nela tinha posta, lhe ia ateando o brio de cavaleiro, mais puderam nela para a mover, conselhos ruins do que a fé jurada em seu coração.

Esquecido tinha o exemplo daquela formosa Arminda, filha de el-rei de Fez, que da Torre fugiu por ir em demanda do cavaleiro Selindo, sempre fiel, ainda que cativa de Reinaldos de Montalvão, que foi o mais valoroso dos doze pares de França; e assim, movido seu animo de mau proposito, trocou por outro (feia ingratidão!) aquele puro amor do coração do moço cavaleiro.

Quando esta estranha nova se espalhou na cidade, muitos eram os incredulos e razão havia pelo conceito em que a donzela era tida e bom sentimento que já antes mostrara.

Mas logo passados dias eram suas bodas anunciadas com um moço da provincia de Entre Douro e Minho e em breve espaço se ordenou o cortejo de côches e cavaleiros para

a cerimonia dos esponsais, de guisa que ninguem jà podia duvidar de tão ruim acção, mal outro mostrara vontade de a receber por mulher.

Tornaram os amigos aos Paços, como tinham por costume e ali viram a velha aia em prática com Catarina Vaz, demoninhada, em quem falava Gil Pereira.

Inqueriram do que fazia e por ela foi dito que aquela mulher tinha virtude de ver as coisas que longe estão e de saber casos futuros para acautelar as almas do demonio.

E porque muito queria a seu amo que da guerra pensava tornar a vir mais glorioso para levar sua noiva aos altares, lhe perguntou á vista de todos, que sorte a dele, que fazia, se ainda tornaria a seus Paços.

Disse-lhe então a demoninhada que alimpasse suas lagrimas, que assim tentava a Deus, porque seu amo era vivo e são de corpo e alma para tornar.

Quís saber se ele era um soldado raso e sem escudo (coisa que tão mal ía á condição do seu nascimento), ou se fôra galardoado com honras de milícia.

O mesmo espirito respondeu que era alferes-mór de cavalaria e ele mesmo levava a bandeira rial — do que ela houve juntamente com os amigos, muito contentamento, misturando suas lagrimas com sorrisos.

E assim se consolaram da pouca firmeza e má fé da donzela, conhecendo que o maior amor fôra de sua aia e não o daquela que escolhera para mulher.

Tomaram então todos exemplo dêste caso verdadeiro para ensinamento de sua vida e viram como são falsas as esperanças que se põem no coração da mulher amada.

Depois que muitos mêses fôram passados, soube por um mercador da traição com ele havida e tão mal merecia.

Chorou muito sobre a sua desdita e sentindo-se mais chegado á morte que á vida, determinou de se entregar ao serviço de Deus, e pôs-se a caminho de um convento no reino de Biscaia, esse Cavaleiro namorado que de saudades se ha-de finar.

V

Maria Marrafa

Se eu tivesse de compor uma galeria de tipos da terra, com representação das três castas em que a cidade até agora se dividiu — havia de erguer ao alto, supremamente, a figura sàdia e risonha da Marrafa.

Que me perdôem os lentes e a sua sciencia eximia, o Vaz-barbeiro, grande intelectualizador de cabeleiras e seu colega Coimbra, outro artista de quem a gente pode saber com confiança, se é genio, talento ou normalmente burro, mas ninguem aqui iguala o valôr e o prestigio desta rapariga de cincoenta e tantos anos.

Leitor amigo: se escapaste por acaso ao perigo de ser bacharel (que é quasi crime, dizem agora uns taes), e nunca aos teus ouvi-

dos ressoou a fama de esta mulher virtuosa, consente que recomende á tua admiração um dos sêres mais prestantes que Deus Omnipotente creou sôbre a terra.

Porque de toda a gente que a sombra da Universidade abriga, ninguem ha mais tradicionalmente bom, mais amoravel, que mais se tenha ligado ao estudante, do que esta simples mulher do povo que todos encontràmos logo no primeiro ano, a oferecer-nos os seus variadissimos serviços.

Recordo-me ainda, mas sem saudade nenhuma, de umas seis-horas chuvisquentas de outubro em que ela com um gordo sorriso, me veiu poisar na mêsa lustrosa de pinho, a primeira sebenta de direito civil.

Eram 16 paginas sólidas, com um nevoeiro de citações a autorizarem a doutrina, servida ao meu espirito num papel encorpado, de formato solene, como o assunto requeria.

A minha primeira noite de civil!

Ela partiu nos seus tamancos a semear o direito por toda a parte, de Mont'Arroio á Ladeira, da Cumeada a Santa Clara; partiu e

voltou no outro dia e sempre, á mesma faina pelo infinito do tempo, para que a lição a ninguem falte e nunca lhe pese na consciencia a culpa de uma nota má.

Vinham séries de mês a mês: centenas de mil réis a Maria levava para a Imprensa dentro de um pé-de-meia verdadeiro e as meias da Marrafa (trinta gerações o juram pelo seu grau) são monstruosas de amplitude...

Pois nunca houve enganos nem irregularidades por sua causa, era ela a maior defensora dos nossos direitos com uma sagacidade tam experiente que nos dava confiança para pedir àquela analfabeta conselhos para a direcção do nosso espirito.

Mais a ela que a nós mesmos, é que as nossas formaturas são devidas:

— Maria, que tal é o Calisto?

— É telhudo, e mau quando não pinta a pêra... Nada de preterições, o cartão e um empenhozinho...

— Maria, e o Guilherme?

— Muito exigente, ui! é o peor!

— Maria, que tal é o Pedro?

— Olhe, ninguem se escapa aos atrazados... Estude-lhos bem.

— Maria, o Marnoco importa-se com preterições?

— Não é mau lente. Quantas faltas tem?

— Dez.

— E de nota?

— Doze.

— Ah! descuidou-se! Se não fôssem as faltas, estudasse-lhe o ponto e podia ir descansado para o acto. Assim dá-lhe uma corrida por toda a materia. E recomende-se sempre...

Se o rapaz ficava reprovado, apesar de tudo, eu creio que nem a vitima sentia um desgosto tão grande como a Marrafa, ali á Porta-Ferrea, quasi a chorar, de mão na cinta e praguejando os lentes com fúria, porque ela tinha a bondade de ver sempre injustiças em todas as decisões desfavoraveis para nós.

E quando a Maria erguia mais a sua voz na censura, por eles já não se lembrarem de terem sido estudantes, eu afirmo seguramente que a mágua dela era sincera e muito superior ao

interesse que lhe viria de uma distribuição nova de lições no ano futuro.

Na sua casa da rua da Matemática aonde ha pouco tempo passei uma hora de trovões bravos que ela afastava com orações a todos os poderes celestes — amontoam-se moveis académicos que lhe têem ficado de herança; figuram lá numerosos retratos que ela mostra enternecidamente, limpando-lhe o pó com o avental.

Lá vi eu desde a insuspeita e purissima Teologia até ao azul ferrete das Sciencias, todos aqueles rapazes, hoje pessôas de categoria, com os olhos oficialmente molhados, a perpetuarem-lhe a amizade e o afecto em caixilhos antigos, no escuro daquele rez-do-chão.

Uma legião de filisteus que agora andam enrouquecidos de gritar contra bachareis passados, presentes e futuros, já tu, Maria, me disseste sabiamente que nenhum deles por cá te pagou lições...

E creio que não se podem condenar assim os teus serviços á cultura do direito puro e aplicado, e se, em tanto mal por ele trazido á

Nação, alguma vez livrou das penas um inocente, que o teu trabalho obscuro seja para sempre, bendito! Como já sabes, o Governo manda juizes a examinar-nos, gente com a profissão de fazer justiça. Isto é formidavel!

Maria, minha sebenteira e velha amiga: já fôste um dia a Senhora dos Aflitos dêstes homens rígidos que vêem inquirír do nosso saber, só tu sabes o que eles te devem e só tu nos podes valer!

Vai fazer-se justiça e todos nós trememos! *Summum jus; summa injuria,* diz a sebenta infalivel. Para ti nos voltamos todos nesta hora suprema, a suplicar a tua intervenção propícia, que nos valha a tua autoridade, a tua imposição soberana mesmo, para alcançarmos de tão severos julgadores, a sua infinita misericordia. Amen.

ESTIO

Ouvi-me vós quantos buscais o que é eterno e andais livres de toda a cegueira do coração:

Sôbre esta agonia de luz vem descendo o crepusculo do Sol e os homens ingratos já não cantam: DEVA, sê bendito!

Não lhe exaltam os corações a gloria antiga; nas almas tristes já não é sorriso a mesma claridade.

Á sua grandeza de primeiro Deus, os humanos dançaram a primeira alegria; e porque Ele era belo e beneficente nas alturas, para lá se ergueram louvores que chegaram a tocar o ceu.

Nos planaltos antigos nossos pais esperaram nele e cada alva lhes trouxe os resplendores da sua divindade.

No alto das montanhas erguido, o Homem espiou o futuro para subir nas Idades; e Ele firmou seus passos no caminho para a verdadeira vida.

Seculos de seculos submissamente ajoelharam à sua realeza e a sua gloria era alta e cheia de espirito criador.

Pela pureza da sua luz, juraram sempre os que tinham amor à verdade.

Quando ele desceu à terra, à roda do fogo pais e filhos se assentaram; nos planaltos foram as primeiras aras, nos lares, o seu culto mede a Eternidade.

Falsos idolos se alevantaram sôbre a terra das aras, na multidão dos adoradores; mas só a sua divindade é verdadeira e eterna.

Cairão os idolos falsos, outros idolos nascerão debaixo do seu resplendor, enquanto os rios correrem para o mar.

Cobrira-se a terra de altares e agora a terra é triste, porque os altares perderam-se em ruinas e não ha fé para os erguer do meio do pó.

Quando a sua face se esconde para além dos montes, entristece e chora toda a coisa viva na terra e no mar.

No espaço do ceu escurece e penetram as mesmas trevas nos corações dos homens.

Volta a sua magnificencia, a terra se faz altar de flôres e a vida se glorifica e renova de vigor.

Fogos sagrados brilham à porta dos lares, e os homens dançam à volta, esquecidos da sua

divindade e só os que seguiram o giro do seu esplendor não conheceram o terror das trevas.

DEVA bendito! quem agora exulta em te invocar?

As bôcas estão cheias de maledicencia e os olhos fecharam-se para te não ver no dia da tua maior gloria.

Tu abres as portas do ceu, voas por todo o espaço para afastar os maus sonhos e os prodigios da noite.

Tu mandas cada dia para a terra o teu sorriso para que os homens abatam seu orgulho; mas eles vivem em trevas e malicia e não intendem o teu sorriso.

Destrua teu grande poder a sua maldade para que seus labios impuros nunca possam

dizer com soberba: prevaleci contra ele, e nunca mais exultem de teus adoradores.

Guarda-nos agora de esta geração ingrata, por que nós em ti esperámos e perseverámos até hoje, no meio de toda a iniquidade.

Sempre sentimos a brandura das tuas asas e para ti olhamos com louvor, como o viajante do deserto levanta olhos agradecidos para a sombra da palmeira.

Os que desviam de ti a sua face e não te contemplam, vão perdidos no caminho e voltarão sôbre os mesmos passos do seu erro.

Por todas as gerações, nós acreditámos no teu poder e fugimos da superstição dos homens.

A graça da tua bem-aventurança se espalhe por todo o limite; que sôbre as nossas ccbeças floresça a pompa da tua luz.

E envolve, bom e poderoso DEVA, na caricia das tuas asas, as ilusões dos ultimos que te bendizem.

I

Um mau começo

O meu amigo Custódio Mendes formou-se ainda não ha oito dias e partiu logo para a terra, glorioso, a abraçar os parentes e oferecer-se á admiração dos patrícios.

Ia satisfeito, apesar da *saudade por tudo isto,* o futuro parecia reclamal-o, acenando-lhe com carinho, mas já hoje me escreve tristemente a relatar-me o primeiro pontapé da sorte.

Coitado do rapaz!

Quando o vi sumir-se por entre as franças do Choupal, todo debruçado da carruagem, trasbordante de afecto, agitando um lenço branco amachucado — entrou comigo uma enorme desolação, mas logo comecei a pensar, para honra dele, que o meu amigo ia ser um triunfador e que eu teria em breve no

prazer de o vêr subir, uma sofrível compensação ao desgosto de perdê-lo. Apartámo-nos com mágua e se não chorámos sobre o asfalto da estação, foi para evitar que se rissem os carregadores e para não sermos piegas — um e outro!

E tinha optimas qualidades para triunfar, este Custódio Mendes.

Viera para Coimbra ha cinco anos e logo depois de concluir o liceu, num domingo de setembro, à tarde — era ele que contava, saboreando-os, estes pormenores — fôra com o pai justar o casamento com uma parenta remota, filha única, com duas tias solteiras e um padrinho conego, muito prendada e temente a Deus.

Custódio partiu em outubro para esta Babilonia de que tremem as noivas por esse Portugal alêm, mas, homem de brios, nunca os seus olhos poisaram sôbre aquelas figurinhas inquietas que na Baixa entram em todas as lojas a pedir atenções, sem que a imagem de sua prima lhe aparecesse a dissipar qualquer fumozinho de tentação, num contraste decisivo...

O meu amigo depois de jantar no *Restaurante Moderno,* casa pacata — ele detestava o rumor — descia invariavelmente ao Visconde da Luz, arrastava-se de lés a lés de trajecto, como uma lançadeira de tear, cumprimentando condiscipulos e conhecidos e assim passava honestamente as horas até às oito.

Ás vezes, pressentindo coisa anormal, penetrava no tunel da Livraria Moura Marques, a vêr o que havia e lá gastava uns minutos a folhear a *Ilustração Portuguêsa* — um luxo intelectual, superfluo.

Relações, tinha poucas e nunca me constou a mim que era tão seu amigo, que vivesse na intimidade dalguma familia coimbrã, coisa tão facil para quem está a um ano do gráu.

Nada disso; ele chegava a ser quasi um retraído por sistema. Quando chovia Custódio Mendes não se expunha ao temporal; sentava-se à janela, em chinelos de trança, tocando viola para regalo de duas vizinhas trintonas, filhas de um capitão morto em Africa, na guerra.

Mas, chegadas as suas horas, ele abancava sem tardança, se a sebenta não vinha logo, ia revendo os atrazados — era preciso, que nenhum se escapava deles, que não fôsse urso!

Outra qualidade boa de Custódio: observava cuidadosamente as custumeiras, praxes e manhas que constituem as relações entre mestres e discipulos no meio escolar de Coimbra.

Decorava a sebenta, e só a sebenta, apesar de não ter geito para *encaixar*, como ele dizia; na vespera do ponto metia sempre o cartão, nunca se preteria, cumprimentava de longe o professor que recentemente o chamara para se fazer notado, e tinha em aprovações sucessivas merecido prémio do seu procedimento.

Nos actos aparecia sempre rigoroso no traje tradicional, eu ia por lá interessado na decisão e quando se lhe perguntava, fôsse antes ou depois da prova « então, que tal? » — o meu amigo Custódio, reclinado nos códigos, ao pé duma coluna dos Geraes, respondia invariavelmente, espalmando a dextra num gesto oscilatório: « Cinco faltas, tres *farpas, cunha* regular... »

Todos tinham intendido que, salvo estenderete raso, não de esperar num estudante *seguro* como ele, Custódio Mendes, avançaria mais um passo na conquista do grau que ele dizia sèriamente ser a única coisa que de cá levava.

Correram-lhe cinco anos plácidos, sem namoros, nem aventuras, sem frequentar o Ginasio ou o Gremio, com um receio inexplicavel de *assinar o nome*, ainda que para pedir ao reitor uma mudança de horário.

Não deixou dívidas; a servente dizia-o pacato, à vizinhança não dava escandalo e era por muitos considerado um *rapaz de linha*.

Legou-me o capacho de estudo que pedi licença para recusar e um busto do Marquês de Pombal que conservarei no quarto para memória do espirito liberal do meu amigo. Liberal e tolerante, que ele, sem aderir a qualquer grupo, admitia e achava natural que cada um expusesse as suas ideias, à vontade.

Quanto a política, queria moralidade e homens patriotas — as instituições podiam servir as vigentes, Custódio inclinava-se por como-

didade para a Monarquia, mas sem pertencer à *católica,* nem ao Centro.

Não sei que dirá dêle o alto juiz dos mestres, mas, perguntando-lho, é de crer que lhe seja favorável e até sintetizarão sabiamente: sim, um rapaz de quatorze...

Pois eu tenho sentido imenso o desgosto que a carta do meu amigo me trouxe esta manhã.

« Ora vê tu, escreve ele, que estando minha mãe e minha prima Gracinda a assistir à abertura da mala grande, começaram logo por não gostar do cheiro, não sei porquê.

« Iam quasi no fim, quando minha prima, pegando num par de meias, começou a desenrola-las em todo o comprimento. De repente, deu um grito espavorido, pôs-se trémula, minha mãe aflita, eu aflito amparava-a, ela repelia-me com gritos: não! não! vai para a outra!

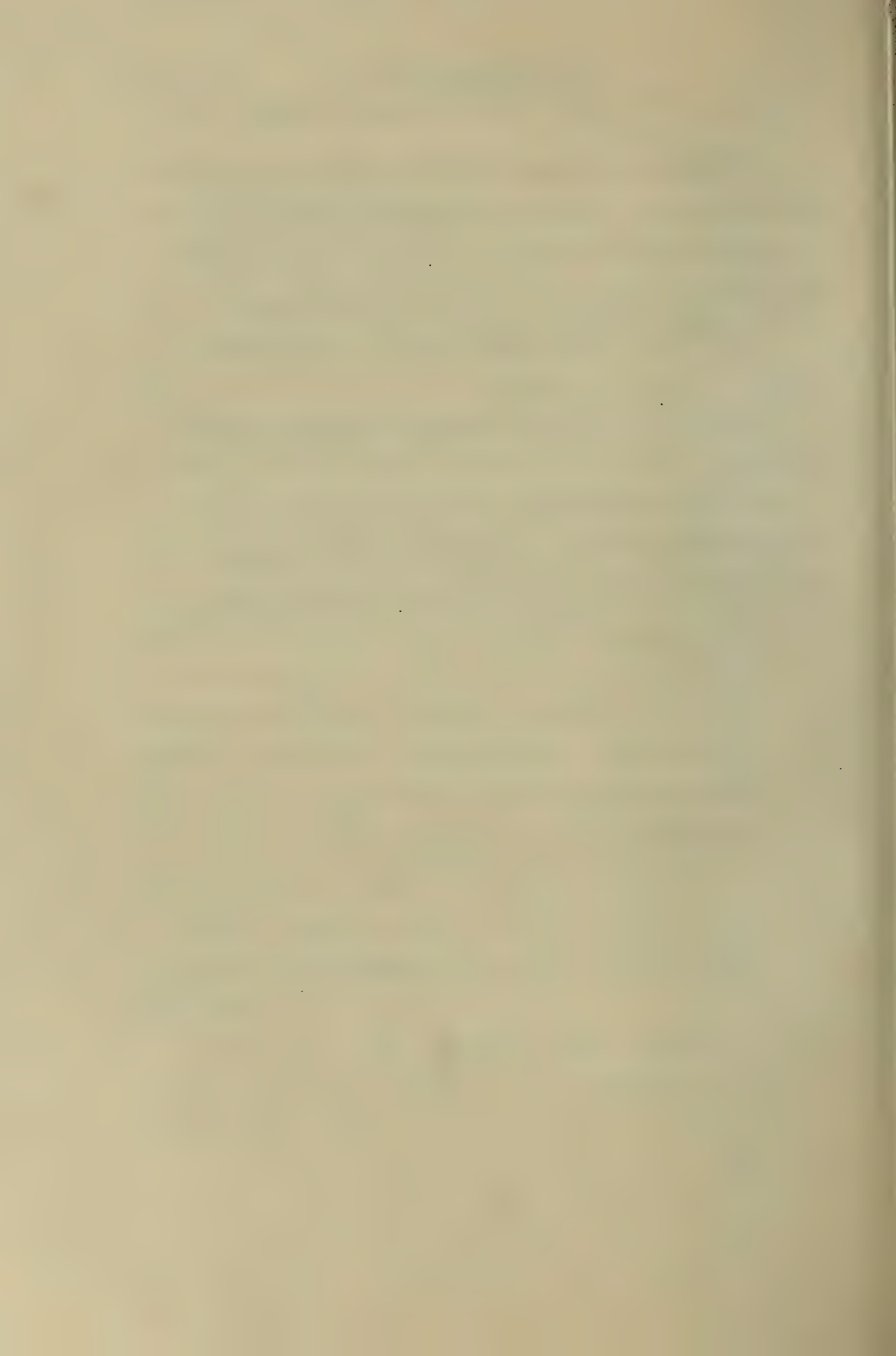
« Toda nervosa, meu amigo, nunca vi ninguem tão endemoninhado como a minha prima Gracinda.

« Ficou sem dar acôrdo, muito branca, a latejarem-lhe as fontes, e num estado que metia dó!

« Chamaram o pai, o meu tio Lourenço que me maltratou, chamando-me garoto, valdevinos e outros nomes e levou da minha vista, não sei se para sempre, a minha querida prima.

« ... E tu bem sabes que eu estou inocente. Triste de mim! »

E está; o meu amigo Custódio Mendes, está inocente.

Se outra dama com os escrúpulos de Gracinda quiser possuir o bom rapaz do Custódio, fique sabendo que aquelas meias sinistras, eram as meias do acto!

II

Noivas tiranas

Agora é o tempo de os quintanistas tirarem o retrato de formatura.

Atitude estudada para encarar a posteridade, brunidos das mãos dos barbeiros, descem gravemente aos fotógrafos da Baixa, a realizar a ceremónia, tocados do respeito solene com que se recebia o velho gráu.

Até lá consultam-se, discutem, comparam miudamente, enquanto não *pousam* deante da máquina atenta, com a pasta rica sob o braço, a modo de serem vistos lavôres de mãos habilidosas, dignas de baboso orgulho.

Retratar um quintanista que se preze, mantenedor do aprumo tradicional, não é empresa fácil de tentar à inexperiência da maioria dos fotógrafos, porque nela vai o melindre subtil de

conciliar direitos de técnica com pensamentos ocultos de elegância e resoluções caprichosas quasi sempre.

Para o êxito final, muitos elementos hão-de entrar em linha com o respeito que lhe é devido.

Na decisão para a definitiva escolha, ha sempre um areopago a deliberar: a noiva, as manas, os pais, a madrinha que *lhe* deixa tudo, os companheiros de casa, toda a gente, afinal.

Á força de discutir as alheias, já o interessado paciente perdeu a opinião própria, e ao fim de muita canseira e longas demoras (tem-me confessado o Tinôco, em segredo) vêm ultimatos trémulos, escritos a lapis nas provas: « Este — de modo nenhum! Que horrôr! » E o rapaz aparentemente arreliado, faz côro com o fotógrafo a comentar a exquisitice, lastimando quem atura mulheres, mas vai pedindo outra prova, conforme indicações soberanas a que não se resiste jámais.

No fim do curso, muitas barbas começam a crescer, a crescer, do Natal em diante, para inculcar respeito à pessôa e crédito à sciência,

único recurso de que ela vive enquanto o moço não toma raízes na vida.

Como anciãos da Lei antiga que se preparassem para missão oracular entre o povo — chegam ao meio do ano já outros, barbaçudos até aos olhos e é assim que muitos vão pedir à fotografia que os recolha e fixe, respeitáveis e severos, em nome dos interesses da profissão.

A prova não agrada *lá*, a rapariga mal o reconhece e ordena-lhe que vá escanhoar-se, nesta pergunta amuada, de enternecer o mais duro: « mas porque deixaste tu crescer as barbas? ».

E basta. Vem logo abaixo todo um plano de estética, novas tentativas começam até *lhe* fazer a vontade.

Uns querem mais bigode, outros a gravata composta, os descabelados pelo estudo (que não cito para lhes não ofender a modéstia) pedem uma contribuição de retoques para cobrir as carécas e então é que eu sinceramente invejo a benemerência de um fotógrafo que a tantos é consolação e alívio nesta aflita conjuntura.

Por acaso encontrei outro dia um papel inútil amarfanhado entre revistas na sala do Tinoco. A curiosidade atiçou-me diabolicamente e pequei como uma mulher pecaria, sem remorso algum. Li-o e aqui transcrevo o menos importante:

« *Quando lá tornares* (ao fotógrafo), *põe-te de lado um bocadinho, vê se se te fica conhecendo a cor dos olhos e o sinal do carbunculo na face.*

A mamã tambem não gostou nada e para ficares assim com essa cara de reu e peor do que és, sem comparação, não merece a pena tirar o retrato.

Como estes e melhores, tambem o Manuel Maria os sabe tirar. Cá espero outra amostra 6.ª feira que vem ».

Por isso é que tirar o retrato com uma pasta bordada por noiva, é como quem vai contrair esponsais: a pasta de seda é a aliança.

Por estas fotografias, quando são nítidas, concluo eu seguramente do estado civil dos meus condiscipulos e vou graduando as predilecções do seu coração: miosótis e malmeque-

res — noiva burguesa da província, educada nas Doroteias, com vinte e cinco contos, quando muito; pinturas alegóricas da justiça — meninas letradas com o papá juiz de primeira classe em breve transito para a Relação; pastas de madeira com aplicações sóbrias — donzela que teme a vulgaridade, cumprindo superiormente uma praxe antiga; pasta pobre ou rica, de qualquer natureza ou substância, com amores perfeitos estrelados, aqui e além — quintanista casado, irremediavelmente chefe de família.

Se o bacharelando foi presenteado com duas ou tres, já não respondo pela segurança da indução, porque êle tem de tirar o retrato a todas, consolando com delícia as ofertantes nesta reconhecida amabilidade.

É então de vêr e pasmar como o amimalhado mocinho procura posições, compõe sorrisos falsos que a todas contentem, ao verem-no estampado juntamente com a insignia do seu orgulho.

Estes felizões das três pastas — da mana mais velha, da prima Inácia e da Lotinha que

vem a ser a noiva — ficam de pé uma vez, garbosamente, noutra sentam-se de perna cruzada, á vontade e finalmente, inclinam a cabeça para a mão, meditando, a fitar o vago.

(Não sei ainda, mas creio que tambem assim hei de ficar).

Ora eu tinha como os meus condiscipulos, a honesta aspiração de uma pasta. Andei a estudar sempre, desde menino, quasi vinte anos até hoje e constato desconsoladamente que perdi o tempo.

As ilusões dêste mundo!

Bem me disse Horácio ainda ontem que a vida é breve de mais para concebermos uma esperança...

Isto é tam triste como ter olhos e não vêr! Agora, formados e prontos, os meus condiscipulos como cavaleiros medievos, conduzem ao regaço da sua amada, revendo-se-lhe nos olhos, o seu trofeu de vitória, e restituindo-lhe a pasta para que a junte às outras joias de família, podem dizer-lhe com orgulho: aí a tens!

Na verdade, estou muito longe de ser o autêntico quintanista, com luvas-canela para

conduzir a insignia, a flôr sempre viva, o monóculo, o brasão — mas para consolação de um triste, não haverá entre as vossas noivas e as vossas primas, ó rapazes, alguma boa rapariga que não tenha escrúpulo em permitir-me o dôce prazer de tirar o retrato com uma das vossas pastas?

Sempre eram uns minutos de inofensiva ilusão para adormentar a minha angústia, muito longe de ser compensada por esta exclamação poderosa: sou livre! — que sempre é um grito platónico e frio, como todos os platonismos deste mundo...

III

Beijos

Ontem, na alameda do Jardim Botanico, soaram aos meus ouvidos dois beijos gulosos e estalados que despertaram toda a gente na agonia eterna da tarde.

Ainda ha poucos dias eu lera com proveito, profundos artigos de propaganda contra o beijo, todos os anos repetidos mal o verão se avizinha, mas, confesso-o lealmente, aquele exemplo fez vacilar de tal modo algumas convições que formara que me sinto impenitente e relapso para sempre.

Os artigos vinham abonados pela medicina, pelo bom senso (velho caturra que vai acabando) pela moral, pela higiene, não sei se tambem pela meteorologia e por mil razões atendiveis em que entravam estatisticas.

Tudo isso não tem peso ou é falso e desde ontem que não faço senão pensar na inutilidade de tal propaganda e na insensatez, bem intencionada embora, dos numerosos inimigos do beijo.

Deante do meu espirito passa e repassa a fila dos conspiradores em que apenas diviso velhos desiludidos e barbudas matronas que nem beijarão os filhos alheios com o despeito de os não terem seus — enquanto a velha humanidade continúa a beijar-se com ardor, metade caindo nos braços da outra, até que haja desejos e bôcas frescas para os semear...

Dêem embora definições solenes — o beijo é uma estranha invenção dos costumes ou uma necessidade perigosa de que a civilização deve prescindir; digam os fisicos que é o ruido mecânico de uma expiração de ar (que scientifica tolice!) — que nem por isso as pessoas de bom-gosto deixarão de rir gloriosamente dos sabios, beijando-se com delícia, a proposito ou não.

Os antigos faziam do beijo um rito divino, *adorar* quer mesmo dizer *beijar*, pois os pri-

meiros crentes levavam à bôca os seus ídolos, e se o deus era o Sol ou outro sêr inacessivel, beijavam a mão direita, arremessando-lhe num gesto largo a virtude ainda viva que lá ficara, como emanação da propria alma.

Pelos caminhos, a saudação, sempre demorada, começava por beijos e com beijos terminava, seguindo cada qual o seu destino, e os primitivos cristãos — todos o sabem — durante os misterios divinos ou nos ágapes, beijavam-se em sinal de união e caridade, a conselho de San Paulo que ha muito deixou de ser obedecido.

Larguissimas tradições tem o beijo, os sabios fazem-no remontar prosaicamente ao homem das cavernas, acham-no comum a alguns animaes e filiam em tam nobre antiguidade, a sua força de instinto que lhe dá esta importancia. E justamente — que pela civilização adeante, o beijo tem feito uma bela trajectoria, inconfundivel e impressionante.

Conta-se que os assassinos de Cesar o beijaram no senado, antes de lhe crivarem o corpo de punhaladas; desde pequeno que a

gente vê indignadamente gravuras ingenuas, representando a traição de Judas; Otelo beija duas vezes o mulher antes de a estrangular; ajoelhados e de cabeça descoberta, no momento da homenagem, recebiam os vassalos o beijo dos senhores, nos tempos do feudalismo...

Que admira por isso que o beijo subisse tanto na escala do epíteto, muitas vezes com o nome erudito de *ósculo?*

Frio, ardente, morno, casto, impuro, furtivo, longo, pérfido, trémulo — qualidades são que a experiencia dos beijados e noutros o desejo de o serem, têm atribuido ao pequeno *ruido* dos fisicos.

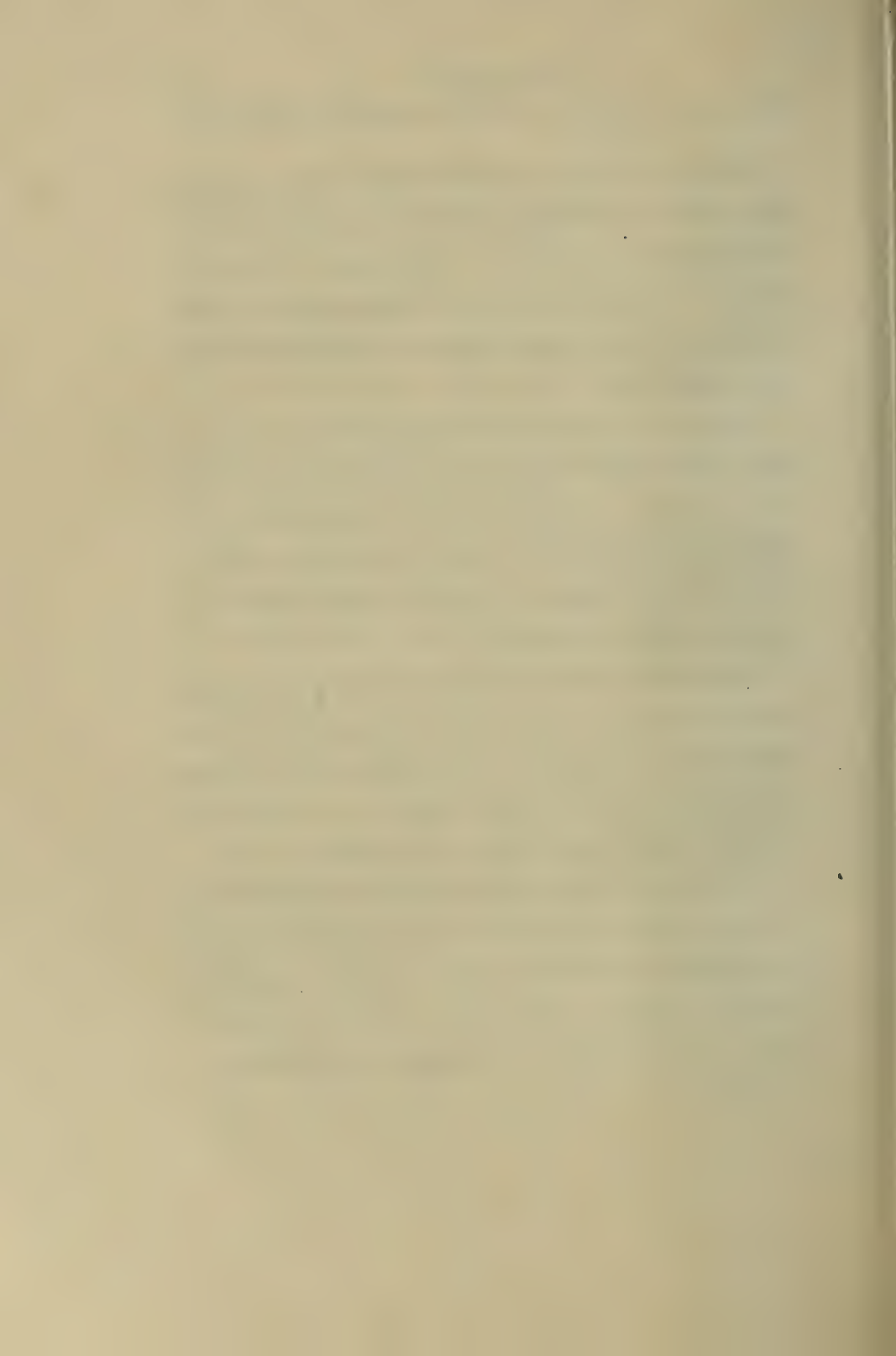
Quantas vezes, por este mundo, aparecem beijos soltos que ficam sendo eternos enigmas e oculto o movimento de alma que os produziu?

Lembro-me ainda (já que vinhamos no fio erudito) do episódio homerico em que o rei Priamo, para pedir a Aquiles o cadaver de Heitor, abraça pelos joelhos o grande Grego e beija-lhe as mãos que mataram seu proprio filho, pouco antes arrastado em sangue, à volta dos muros de Troia.

Eu não quero escrever aqui uma memoria biográfica do beijo, se bem que muito a merecesse, afirmo apenas a confiança em que o futuro lhe dará maior generalização, trazendo à tristeza desta vida muitos momentos felizes de esquecê-la.

Agora é o terror dos contagios que inscreve nos bonés das creanças a delicada proibição de as beijar — *kiss me not* — mas, em vez de estas precauções, eu sou de parecer que se devia regulamentar o uso do beijo dentro de certos limites de idade.

Assim como as pessoas mais feias do que é licito, deviam ser punidas aparecendo na rua, tambem não devia ser permitido dar beijos com desperdicio a *tutti quanti*... Afinal, é de um regulamento que se precisa...

Depois, em plena responsabilidade, creio que os infectados por beijos, reclamariam outros, já convertidos ao velho aforisma medico: *similia, similibus curantur* — que não deve haver melhor, nem mais pronto remédio...

IV

A Visão do Mendonça

Uma tarde de julho em que eu andava lendo Erasmo, á sombra dos loureiros de Santa Cruz, vi aparecer o vulto inquieto de um excelente amigo meu.

Conhecera-o quando o amor pela Sciencia do grego me fez sentar a seu lado no mesmo banco de pinho, deante de um mestre de Teologia que passava por sabio no conceito respeitoso do curso.

Era um rapaz magro e míope, grande bôca descobrindo maus dentes, arripiados os cabelos e reflexos de uns óculos eruditos, ao dizer que sim e que não, a todo o momento.

Ora acontecia que êste estudante exemplar cursava trabalhosamente a Sagrada Teologia.

Queria formar-se e regressar á tranquilidade da provincia natal. Vivia de esta ambição honesta.

Classificações, nunca as invejou a ninguem e até as desdenhava habitualmente.

Quando a nossa convivencia veiu a estreitar-se, confiou-me o seu segredo: havia lá em Bragança, um canonicato vago, á espera dele... Era um padrinho previdente, grande trunfo politico, que lho havia prometido com segurança, numas ferias de verão.

Eu olhei para as incertezas do meu futuro de advogado ou juiz em Alfandega da Fé e lembro-me da pena que senti de não ter aquela macia esperança de uma cadeira de conego, dentro de uma velha catedral.

O conego Mendonça!

O meu amigo era feliz com a sua esperança, eu vivia tristonho pelo meu desamparo.

Compreendi desde aquela hora, o seu interesse em formar-se, em *tirar a formatura,* como ele dizia com propriedade: era a gloria da Igreja e o regalo da sua vida; o triunfo da Fé cristã, pondo termo áquela magreza ascética.

Se era chamado, logo os meus significados iam socorre-lo, porque a turbação da vista não lhe deixava ler os dele.

Consolava-me de tão inocente auxílio, sentia um orgulho alegre em que o meu labor de folhear um dicionario grego, alguma coisa concorresse para dar o canonicato áquele condiscipulo que tão digno era de tal recompensa.

Como começou ele a utilizar fielmente o meu trabalho, já lhes não posso dizer.

Sei apenas que naquele quarto ou quinto ano de freqùencia, ainda o pobre Mendonça não foi julgado apto a traduzir com destreza algumas linhas do Evangelho que San João escrevera, por fatalidade, para suportar o desterro de Patmos.

Foi um dia amargo, esse do seu exame.

O proprio Evangelista ter-se-hia arrependido do mal que causou.

Quando vi o meu condiscipulo reprovado, chorando detrás dos oculos espessos, ainda pensei que fôsse equivoco dos Mestres. Corri a perguntar-lho, pedindo para mim tal rigor

justiceiro. Mas o Teologo sorriu e passou adeante, insensivel á nossa dor. Mais um ano perdido para a posse do canonicato!

Então comecei a crer que seria inveja vingativa pela esperança certa do Mendonça.

Nunca mais esta suspeita me deixou e com ela morrerei.

Veiu Outubro e com ele voltou Mendonça, os oculos e o dicionario grego.

Apezar das definitivas tendencias eclesiasticas, o Mendonça usava um rapido bigode e pertencia á Tuna que dedicadamente serviu como enfermeiro. Por isto tudo e o mais que na vizinhança constava, este futuro dignatario ia conciliando as liberdades de rapaz com a santidade dos seus propositos.

Estudioso — toda a gente pasmava de que não fôsse imensamente sabedor.

As horas andadas cegamente na *Patrologia,* davam-lhe tempo de alcansar a pé o polo norte.

Foi de sôbre um dêstes volumes veneraveis que ele certo dia escandalizadamente me ameaçou, vendo-me copiar para simbolo de uma

seita esoterica, a metafisica alexandrina de Niceia.

A colera divina vingaria o desrespeito com que ele me via tratar os sagrados textos da Revelação. Eu sorri e perdoei-lhe, porque a minha religião e a do Mendonça é que não se pareciam nada. Tinhamos de comum, apenas os significados do Evangelho de San-João.

Mas a sua bondosa tolerancia acolhia-me risonhamente e aos significados, todas as manhãs, nas pedras da Via Latina.

Entre as brigas dogmáticas que eu ás vezes armava com os teologos, Mendonça cria-me firmemente o espirito do mal que provocava almas puras á tentação da heresia.

Chamavam para a aula e todos me davam a absolvição. Assim chegámos ao dia do ponto.

E depois de tantas incertezas e desenganos, aconteceu ao Mendonça o que acontece a todos que vão a Coímbra e têm a paciencia de correr as aulas em cinco anos — um dia formou-se.

Era naquela tarde de ocios eruditos de que lhes falei a principio, ali na Quinta de Santa Cruz.

O meu condiscipulo recebera finalmente o grau, vinha iluminado da virtude da sabedoria que sôbre ele descera em nome da Santissima Trindade, pela bôca sagrada do Decano.

Logo me ergo para o abraçar.

Enfim, chegou o dia glorioso! *Venit tandem dies!* — exclamei eu poderosamente.

Venceste o canonicato, Mendonça!

Eu te saudo!

A minha expansão era sincera: eu estava comovido e deslumbrado pela vitoria do meu amigo.

Se fôra o sonho duma juventude inteira!

Passara o tempo a olhar a Universidade, a pensar nela, a comove-la...

Biblioteca, aula e tuna, dentro deste triangulo oscilava o espirito do Mendonça.

Ele sabia lá onde era Santa Clara!

Se estavam rutilando seiva ou a caír as folhas dos choupos, se havia nuvens ou fazia sol!

Para quê? De que servia isso para lhe aumentar a probabilidade do canonicato? De nada!

Ora neste momento do nosso encontro, juntava-se ali uma duzia de pessoas para ver o pôr-do-sol.

Não sei que soneto dera fama áqueles poentes sanguineos sôbre o mar.

Alguem lhes chamou tragedia e bastou para que alguns olhos sentimentais chorassem, postos no disco vermelho do Sol.

Mendonça não compreendeu logo para onde se dirigia a atenção magoada daquela gente. Reparou em volta, fitou os olhos na torre da Universidade, suspeitoso — não viesse algum cataclismo destruir a prova do seu acto.

Por ultimo, quando o seu olhar varou os oculos para longe, até á linha do horizonte, todo o seu sêr teve um pasmo enorme.

Pela primeira vez na vida, lhe chegara o momento de ver um astro no ceu.

Nem a lua das serenatas ou as estrelas chorando, nem o interesse apologético de verificar na abobada azul a verdade do *Genesis*.

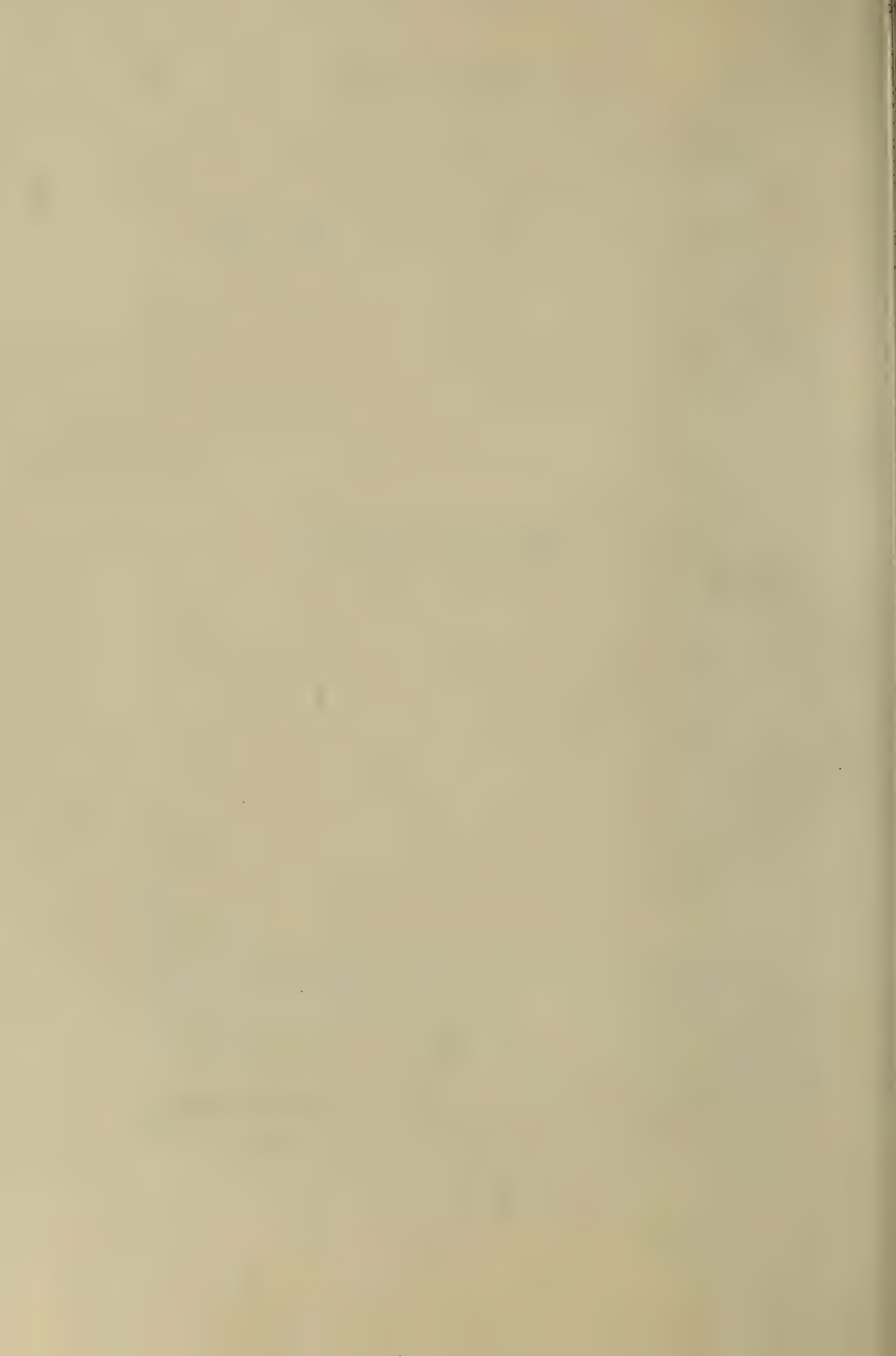
Naquele instante, teve o primeiro assombro. E então, tocado da graça divina, iluminado de Sabedoria, quando viera de formar-se, Men-

donça estendeu o braço fóra da capa e disse-me alvoroçado, apontando para o poente:

— Olha alêm a lua, tão linda! *

* As ultimas noticias que tive trouxeram-me uma grande desilusão: Mendonça, considerando que os tempos correm calamitosos para a causa da Religião e da Igreja, depois da lei de Separação, renunciou prudentemente ao sacerdocio e suas dignidades e pensa em ser amanuense do Governo Civil. A incerteza das coisas terrenas!

V

Lámpana Spenta

Aqui estou sózinho agora, deante de ti, meu bom candieiro e meu amigo.

Á tua luz fiel que pela ultima vez está alumiando êste quarto, venho fazer exame de consciencia.

Passámos seis anos a velar pelo mesmo sonho; a tua luz era a tua e a minha vida; começavas a ter alma e no teu olhar de oiro, envolvias a face ensombrada das coisas.

Como as figuras encantadas que entram no jardim da ilusão, chora dentro de mim a esperança desfeita.

Bem sabes, formei-me ha poucas horas.

Sinto desejo de conversar contigo nesta noite suprema de tristeza.

Fôste a maior dedicação que encontrei.

As vozes dos mais ocultos pensamentos por ti fôram passando, sempre lial ao meu estudo, esperando-me cada noite erguido na mesa, quando regressava com fadiga às charnecas do Direito.

Momentos de desespero baço, horas azues na serena paz de êste recanto, tu as alumiaste a meus olhos — triste quando a alma me chorava cá dentro, florescendo em luz viva para festejar meus passos, se era de riso e claridade a minha face.

Deixa-me agora recordar...

Fui comprar-te à loja com outros moveis meus amigos; eras ali um candieiro honesto, simples, com o teu bojo verde e o teu abàjú branco em meia esfera.

Naquele encontro de Novembro a nossa amizade se firmou.

Se te escolhi entre tantos que lá encontrei à espera de dar luz, era esse o teu destino. A gloria que te dei, neste quarto tristonho, monástico, a tua dedicação a excedeu.

Hoje não bendigo esse momento.

Foi vã a gloria que te dei, inutil a tua fé no meu exforço.

Por mim queimaste sem proveito o teu coração fiel.

E agora tenho de partir para a vida.

De todos estes nadas que aqui vês, só de ti levo saudades...

Queres vir comigo, a começar a jornada incerta? Queres saber como se consome uma existencia? Vens, não é verdade?

Tinha-te já prometido à servente que de longe te andou namorando.

Começarias com ela outro ciclo, certamente mais util do que o meu.

Mas já te dou razão: virás comigo para não sofreres algum ultraje que ofenda a minha estima.

Tu tens sido um candieiro erudito, solenemente tratado em toda a vida.

Em tua companhia sorvi paginas de esperança e de fel; tu que me revelaste mundos de claridade e ateaste dentro de mim altas ambições, irias ennodoar-te torpemente para cima de um fogão.

Foi à tua luz que se abriram e logo queimaram as asas dos meus sonhos; por ela cheguei à formatura e alcansei o que a vã sabedoria chama os bens do espirito.

Não devo, não quero separar-me de ti — estas lembranças te tornam memoravel.

Neste momento em que a tua luz abraça na despedida estes objectos, dando-lhes forma, animando-os de uma face expressiva; enquanto o teu olhar desce brandamente sôbre tantos livros amontoados, sôbre estes retratos em pilha, quero fazer a minha contrição.

Eu me arrependo de toda a minha alma de tanto tempo gasto, de tanto afecto com pessoas humanas perdido.

Sempre aqui encerrado, orgulhosamente alheio ao mundo da maldade — compadeço-me do teu sofrimento em me dar luz e lastimo a miseria do teu destino.

Sinto a noite prolongar-se, os passos do silencio afastando-se levemente.

Desejo poupar-te o ultimo sacrificio, dá-me coragem para apagar a tua luz, a ultima luz que se espalha no meu quarto de estudante!

E tu velas, alumias sempre!

Mas eu não devo separar-me de ti: alumiarás enquanto quiseres.

Estou vendo a agonia da tua luz — é uma súplica extrema à verdade do meu afecto.

Esmorecem nos solitarios os ultimos cravos; o silencio vai-se arredondando à volta de nós.

No turbilhão da abalada, os livros perdem-se, pobres idolos tombados de um pedestal antigo.

Como um conselho tumultuario que no cerebro se me reunisse, a sua fala de verdade eu a vou recolhendo para entender nela a voz do meu destino, a mentira do meu sonho.

Escuta-os. Eles falam, dentro de mim a sua voz se faz eco, como a repercussão extrema de um *memento*:

HORACIO

Não cabe em toda a vida, o principio de uma longa esperança.

REI DAVID

Nunca te arrependas!

SOROR MARIANA

Amei. O amor dos homens é mentira — só mentindo se alcança.

EPICURO

A vida é este momento: gasta-o.

JESUS, *pelo Evangelista*

Bem-aventurados os que choram.

NIETZSCHE

Homem, ergue-te! Procura em ti o teu Deus!

SANTA TERESA

Se no inferno se amasse, aí seria o ceu. O amor não existe na terra.

RUSKIN

Onde vires a beleza, curva o teu joelho.

SAN FRANCISCO DE ASSIS

Filho, não dissipes o tesoiro da tua pobreza.

VOLTAIRE, *sorrindo*

A Virtude è a Maldade bem trajada.

DIOGENES

Na mulher, tens o melhor bem, se a desejas; o peor mal, se a possues.

NAPOLEÃO

Dura menos um seculo de gloria do que um minuto de cativeiro.

JEREMIAS, *ainda mais triste*

Jerusalem é agora todo o mundo!

ERASMO

Verdade hoje, mentira amanhã: a tua sciencia nunca medirà a tua ignorancia.

CAMÕES

Gravei um epitáfio; estou esperando que Lázaro ressuscite...

* * *

Levanto-me; a luz do meu candieiro expira na claridade do sol.

Vem entrando, ao meu encontro, o primeiro dia para alêm do Sonho.

Nada parece mudado à roda de mim.

Pela frescura da manhã, boiam os pregões lânguidos, de rua em rua.

Os mesmos rumores se adensam e sobem no ar, a vida espreguiçando-se para continuar seu caminho.

Só eu estou parado, de olhos tristes, a espreitar o horizonte onde nada vejo.

A servente entra e tráz-me uns bons-dias chorosos — os ultimos.

— Senhora Candida: quero este candieiro limpo, vai comigo.

— Então o senhor doutor agora já quere levar o candieiro? Ora como essa!

— Quero-o levar, quero. Cà lhe fica isto tudo.

— Mas que mania, à ultima hora!...

E a boa mulher, do alto dos seus sessenta anos, ralha comigo, resmunga, como uma ama velha, segundo o costume das serventes de Coímbra.

Momentos depois, o meu candieiro, desarmado, polido, aninhava-se para a jornada, dentro de uma mala de roupa.

Assim partimos para a casa paterna onde apresentaria aos parentes no meio da mais pura alegria, aquele bom companheiro que me deu a gloria de estar formado.

Passou revezes na jornada, o pobre amigo, subindo as serras bravias em que se criou meu berço, por entre frondes de soitos e tranquilos pinheirais.

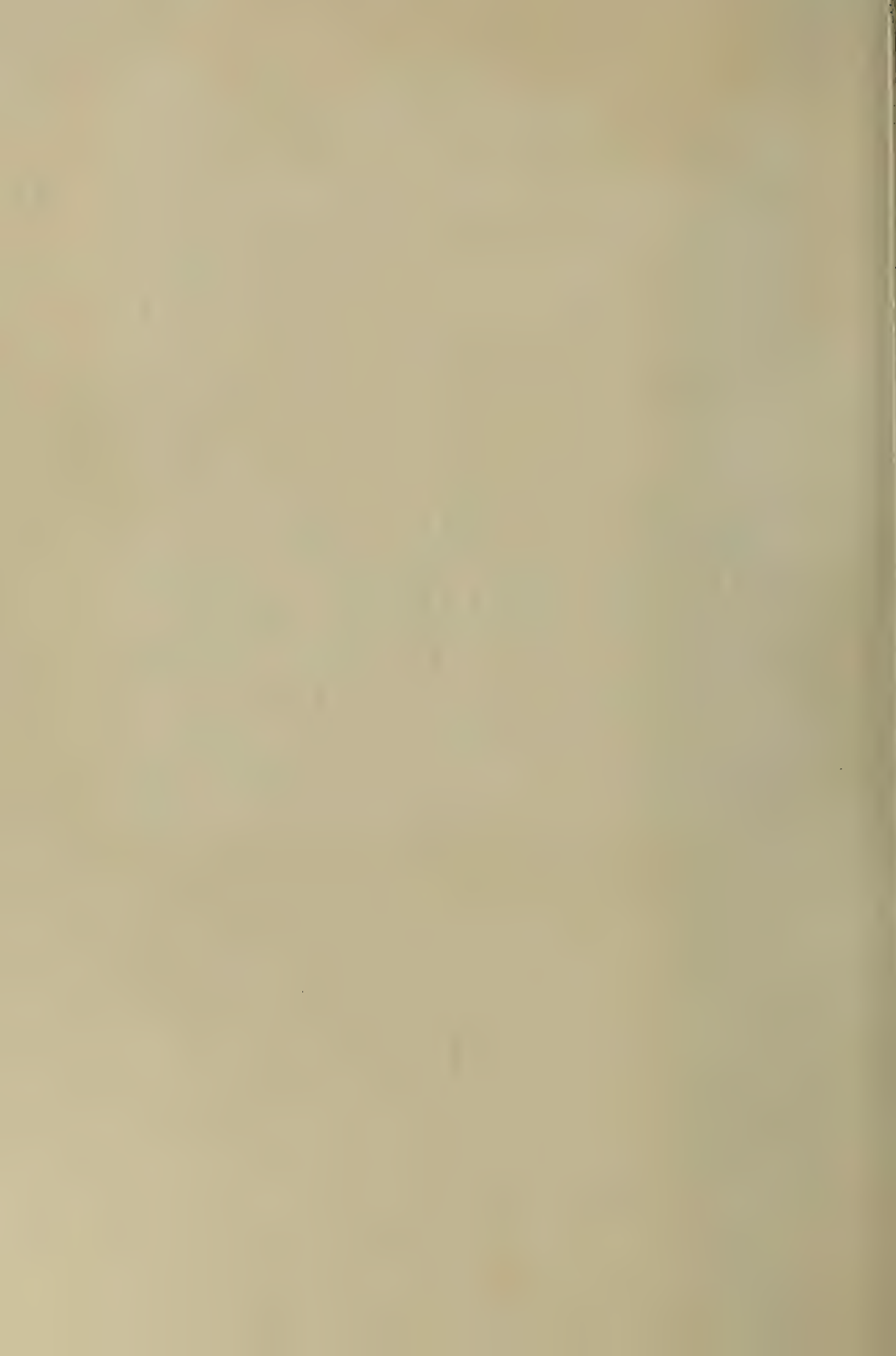
Mas ao fim de horas ansiosas, eu pude e todos nós pudemos ve-lo reluzente e alegre, no seio da Familia, dentro da casa em festa, a sorrir, como no regresso de um peregrino.

Ali seria efemera a sua gloria.

Tocara o termo da sua jornada, não tinha mais que cumprir.

E mal a admiração e o agradecimento cessaram em volta, o meu bom amigo sofre o derradeiro ultraje: sôbre o seu bojo verde despenha-se a dureza de um Codigo Civil e o seu corpo logo se desfez em estilhaços, ilusões de quasi vinte anos, sobre as quais ainda choro, sem remedio nem consolação.

VI

Juizo Final

Quando êste livro vos chegar ás mãos, já todos vós, Amigos meus, haveis de estar afastados e dispersos na vida.

Se por vossa causa existe, de hoje em deante, ele vos levará alguma lembrança do que lá fomos e a consolação ainda do mesmo riso com que olhámos de alto para toda aquela legião de mendigos de entendimento que acreditavam nos Direitos do Homem e pediam palmas á Soberania do Povo.

Aí ficam tambem alguns momentos ingenuos de comoção e revolta que a sinceridade absolve e ainda mostram, segundo me parece, que nós estavamos lá para outro destino.

É verdade: escorria de todas as cabeças um tedio baço, guerras não havia para onde levassemos alguma ilusão de conquista, nem caravelas para embarcar sonhos.

Que faziamos então ali, para que vinhamos nós andando para a vida?

Vinte gerações de outonistas tinham passado, nós herdamos-lhes a palidez e o tedio, dificil nos era ressurgir e coroar com gloria o velho Democrito.

Mudara já de côr tambem o riso e sôbre a nossa face alastrava apenas uma ironia dolorosa que os monóculos mal disfarçavam, os coitados.

Á volta — era triste ver — não tinhamos ideias, nem talento, nem espirito. A Universidade era um asílo de velhinhos, corcundas, com caras de rapazes, tropegos e manhosos.

Cá fóra, sempre que um rumor na praça ou um artigo de jornal fazia escandalo, só me lembro de uma cainçada ululante contra reis, politicos, divida, tirania e policia.

Sobretudo, a policia! Agora me ocorre perguntar: porque seria este terror de certos rapazes pela policia que eu, vós e todos os bons cidadãos estimavamos?

Porque seria?...

Outros eram netos da Carta Constitucional e falavam orgulhosamente do patrimonio das

garantias individuais de sua desvergonhada Avó. Iam á missa estes jovens, respeitavam os jejuns da Quaresma e acariciavam todo o poder constituido, divino ou humano que fôsse.

Passados meses, pois que Deus nos criara diferentes, por sua mercê, tinha-nos invadido o terror supremo de Leonardo, vendo tanto bruto com forma humana, deshonrando a especie dos mamiferos.

Como Ele, nós acreditámos então nesta verdade dogmática de que Peladan nos fala: *Tenez-le pour certain: les hommes naissent bêtes et combien meurent après n'avoir été que des sacs oú passa de la nourriture!*

Aquela Cidade de maravilha onde as flôres ainda se não vendiam, como coisas sagradas a que era pecado fixar preço — nós lhe intendemos a alma e nela procurámos exilio, fóra da caterva tumultuaria que só tinha mãos para cerrar os punhos e lingua para abrir o seu vocabulario de injurias.

A pobre Cidade!

Se nós pudessemos, teriamos justiçado a ex.ma camara que a moderniza, com os ele-

ctricos que a profanam e com o gaz que a escurece aos que são dignos de a ver.

Queriamos ali uma Bruges de Azul e Esmeralda, eternamente moça, sempre virgem, com a sua paisagem lirica onde ainda canta o rouxinol de Bernardim, com toda a graça de Princesa gótica, as suas murças doutorais, o seu Medievismo.

Que outra vez a iluminasse o sorriso de Minerva que tocou e encheu de graça o espirito cristão.

Tarde que viemos — Deusa Veneravel, Filha de Zeus! — era incompreensivel o gesto do vitimario ante os seus altares!

A geometria nas almas afastava para longe da nossa idade esses discipulos de Comte.

Uma muralha de cem anos enclausurava noutro seculo a mocidade do nosso tempo.

Era preciso sentir por todos, o desvairamento daqueles energumenos.

Se culpas por lá ficaram, aqui faço o testamento para os direitos do remorso: um bom testamento absolve muitas vezes uma vida inteira de pecados.

Quantos de nós por ali tivemos aspirações mais altas, sentimos sempre a consolação su-

prema do *ENCOMIO DA FOLIA: Quid laedit, si totus populus in te sibilet, modo tute tibi plaudas?*

Saíndo de lá agora, seremos nós capazes de criar novas ilusões?

De tantas que semeámos, murcharam na haste quasi todas, não sei se algum de vós chegou á colheita.

Lembro-me hoje tristemente da minha ambição morta — junto de uma estrada clara, um beiral tranquilo aonde as andorinhas fôssem criar sem medo.

Assim seria contente o ultimo de vós que tomava prazer em praticar com Horacio, pondo-lhe um monocolo, e tentava saborear o velho grego.

Á porta da Vida vim bater — porta de bronze, pesada e perra. Abrem-na apenas os que trazem gazua... Ninguem me conhece, ninguem me responde. Más noticias, cada dia que passa, me chegam de Coimbra onde tudo está rangendo, lugubremente, na amargura de vozes de tricanas que lá nos pediam dinheiro para enterrar as mães...

Por toda esta tristeza vos não dirijo a minha *Epistola ad Corinthios.*

Rapazes, demos as mãos...

Cada escolar é um soberano desvairado, sem medo, que já não conhece o prazer de odiar os lentes. Que tristeza — não haver lentes para odiar! Deixarem-lhes perder assim o maior merecimento que tinham e o unico prazer que conseguiram dar-nos! Pois que a tal decadencia tudo é chegado, que a Liturgia pereça num magnifico funeral.

Rapazes, demos as mãos...

Velhos doutores, vesti-vos de mortalha: para o ultimo sacrificio, formai-vos em claustro pleno.

Enquanto à volta uivam os algozes, erguei uma pira que vos ilumine uma vez na Morte e tudo converta em fumo!

Rapazes, demos as mãos...

... E vamos dansar sôbre a fria gloria de estas cinzas, uma ronda fúnebre!

FINIS

LAVS MINERVÆ.

Pag.